

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção**

**SILVIO SANTOS MELO**

**ALEGRIA NA MISSÃO DE ANUNCIAR O EVANGELHO**

**São Paulo**  
**2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção**

**SILVIO SANTOS MELO**

**Alegria na Missão de Anunciar o Evangelho**

Trabalho de Conclusão de Curso de Teologia apresentado à Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Teologia, sob a orientação do Prof. Dr. Pe. José Roberto Abreu de Mattos.

**São Paulo**  
**2022**

## **AGRADECIMENTOS**

Rendo graças a Deus, Senhor e Salvador, fonte e razão de minha alegria (e desta alegria em particular) por mais esta conquista, por esta etapa concluída que, para tanto, exigiu enfrentamento e superação de vários desafios. Nele depus minha esperança e, não sem razão, também n'Ele sempre deposito a minha confiança.

Agradeço a família, especialmente a minha esposa, Inês Aparecida da Silva Melo e, a minha filha, Isabela Silva Melo, pela contínua demonstração de compreensão de meus atrasos por causa do trabalho, dedicação à pesquisa e à redação deste trabalho. Ademais, sempre me estimularam, rezaram pela minha perseverança e, agora, compartilham de minha alegria.

Aos(às) professores(as), amigos e colegas de caminhada, tanto estudantil como laboral, gratidão pelo apoio.

A Maria Aparecida da Conceição, bibliotecária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), extensivo a todos(as) os(as) demais colaboradores(as) da Instituição, minha gratidão pelos serviços, orientações, conselhos, encontros, conversas, sobretudo pela amizade.

À Diocese de Guarulhos por ter acreditado, incentivado e me proporcionado o acesso aos estudos acadêmicos e as condições de permanência na Universidade, e também aos(às) irmãos(ãs) em Cristo da Paróquia Santa Luzia localizada no bairro do Alvorada, meu eterno agradecimento.

“É melhor ser alegre que ser triste”

(Samba da Bênção, Vinícius de Moraes)

## RESUMO

O trabalho (TCC) apresenta a alegria na missão de anunciar o Evangelho. Aborda as manifestações de alegria na tradição bíblica e na tradição da Igreja e compreende a alegria como princípio e fim do anúncio do Evangelho, Palavra de Deus. Esse anúncio decorre de um chamado ao serviço da Palavra, do Altar e da Caridade. Assim, entende-se aqui o anúncio como missão. A *diakonia* constitui-se um *médium* (mediação, instrumento) na missão de anunciar o Evangelho. A metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho é a hermenêutica teológico-bíblica associada à revisão bibliográfica. Os materiais, no entanto, reúnem referências (livros e artigos), documentos conciliares e pontifícios, do magistério a Igreja, do CELAM, da CNBB, entre outros. A sistematização destes materiais evidencia o anúncio da ressurreição como fonte (primeira) de alegria dos cristãos, força motriz capaz de fazer novos discípulos e confirma a comunidade eclesial (isto é, a Igreja) como *lócus*, por excelência, do anúncio do Cristo, o Verbo e o Ressuscitado de Deus.

**Palavras-chave:** alegria, missão, anúncio, *diakonia*, Evangelho, Igreja.

## ABSTRAC

The work (TCC) presents the joy in the mission of proclaiming the Gospel. It addresses the manifestations of joy in the biblical tradition and in the tradition of the Church and understands joy as the beginning and end of the proclamation of the Gospel, the Word of God. This announcement stems from a call to the service of the Word, the Altar and Charity. Thus, the announcement is understood here as a mission. Diakonia constitutes a medium (mediation, instrument) in the mission of proclaiming the Gospel. The methodology adopted for the development of the work is theological-biblical hermeneutics associated with the bibliographic review. The materials, however, gather references (books and articles), conciliar and pontifical documents, from the Church's magisterium, CELAM, CNBB, among others. The systematization of these materials highlights the proclamation of the resurrection as the (first) source of joy for Christians, the driving force capable of making new disciples and confirms the ecclesial community (that is, the Church) as the locus, par excellence, of the proclamation of Christ, the Word and the Risen One of God.

**Keywords:** joy, mission, proclamation, *diakonia*, Gospel, Church.

## SIGLAS

CDC - Código de Direito Canônico

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

CIC - Catecismo da Igreja Católica

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho)

DAp – Documento de Aparecida

DGAE - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadoras da Igreja no Brasil

DSI - Doutrina Social da Igreja

DV - *Dei Verbum*

EG - *Evangelli Gaudium*

FT - *Fratelli Tutti*

GE - *Gaudete et Exultate*

GS - *Gaudium et Spes*

LG - *Lumen Gentium*

RN - *Rerum Novarum*

SpS - *Spe Salvi*

S/P - Sem página

VG - *Veritatis Gaudium*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I.....</b>	<b>10</b>
<b>1. A ALEGRIA COMO PRINCÍPIO E FIM DO ANÚNCIO DO EVANGELHO.....</b>	<b>10</b>
1.1 Manifestações de Alegria na tradição bíblica.....	12
1.2 Manifestações de Alegria na tradição da Igreja.....	18
1.3 Alegria do Anúncio do Evangelho pela Igreja.....	22
<b>2. ANÚNCIO DO EVANGELHO COMO FONTE DE ALEGRIA.....</b>	<b>27</b>
2.1 Anúncio da Ressurreição como fonte (primeira) de alegria dos cristãos.....	27
2.2 O Evangelho como “conteúdo” do anúncio cristão.....	31
2.3 Anúncio do Evangelho como alegria para os cristãos.....	35
<b>3. ALEGRIA NA MISSÃO DE ANUNCIAR O EVANGELHO.....</b>	<b>40</b>
3.1 <i>Diakónia</i> , Anúncio e Palavra (Evangelho).....	40
3.2 O Anúncio (do Evangelho) que faz novos discípulos .....	47
3.3 Desdobramentos e conseqüências do Anúncio do Evangelho.....	53
<b>4. CONCLUSÕES.....</b>	<b>65</b>
<b>5. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>67</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é apresentar a alegria na missão de anunciar o Evangelho. Alegria entendida como expressão de algo vivido, experimentado, e não como (mero) sentimento, abstração. Por essa razão, constitui-se em força motriz de quem decide anunciar o Evangelho, entendido como Palavra de Deus, Verbo de Deus (Jo. 1, 1-18), Evangelho do Reino, do Amor, da Solidariedade, da Fraternidade, da Compaixão, da Misericórdia, da Justiça, da Paz.

Entre os objetivos específicos da pesquisa, destacamos: apresentar a alegria como princípio e fim do anúncio do Evangelho (Capítulo 1); aprofundar o anúncio do Evangelho como fonte de alegria (Capítulo 2) e discorrer sobre a alegria na missão de anunciar o Evangelho (Capítulo 3). São temas que podem ser lidos em sequência (tal como se apresenta aqui) ou isoladamente, no interesse do(a) leitor(a), visto que, embora interligados, os temas se afirmam com relativa independência.

A metodologia adotada para o desenvolvimento da pesquisa foi a hermenêutica teológico-bíblica. Os materiais, no entanto, reúnem referências, tais como: Documentos Conciliares - *Lumen Gentium* (LG), *Dei Verbum* (DV), *Gaudium et Spes* (GS); Documentos do Magistério da Igreja - *Doutrina Social da Igreja* (DSI), *Código de Direito Canônico* (CDC) e *Catecismo da Igreja Católica* (CIC); Documentos Pontifícios – *Rerum Novarum* (RN), *Evangelii Gaudium* (EG), *Gaudete et exsultate* (GeE) e *Fratelli Tutti* (FT); Documentos Finais das Conferências Gerais do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho - Medellín, Puebla, e Aparecida; Documentos da CNBB - *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023* (Documentos da CNBB, Nº 109) e *Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil. Formação, Vida e Ministério* (Documentos da CNBB, Nº 96); acessamos ainda o pensamento de Robson Ribeiro de Oliveira Castro, Carlos Mendoza-Álvarez, Leonardo Boff, dom João Francisco Salm, Joseph Doré, Guilherme Sanches Ximenes, entre outros.

Tomando por referência esses e outros materiais que compareceram à pesquisa, estruturamos o trabalho, como já mencionamos, em três capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se a alegria como princípio e fim do anúncio do Evangelho. No intento de desenvolver mais amplamente a temática, abordaremos as manifestações da alegria na tradição bíblica, na tradição da Igreja e na Igreja “em saída”. Impõem-se como fontes os textos bíblicos, o testemunho dos(as) primeiros(as) cristãos(ãs), dos padres da Igreja e, no decurso da História do Cristianismo e da Igreja, os(as) missionários(as), que dão o testemunho do Evangelho além fronteiras ou em sua própria comunidade eclesial.

No segundo capítulo, aprofunda-se o tema do anúncio do Evangelho como fonte de alegria, tendo ante os olhos o Evento-Cristo (Vida, Paixão, Morte e Ressurreição). Nessa perspectiva, a ressurreição é compreendida como fonte primeira de alegria dos(as) cristãos(ãs). Ressalta-se que o anúncio da ressurreição feito primeiro pelas mulheres – as Marias que contemplaram, reconheceram e interagiram com o Cristo - e, posteriormente, também pelos(as) discípulos(as). O Ressuscitado é o Evangelho de Deus, é o “conteúdo”, por excelência, do anúncio, capaz de suscitar, promover e garantir a alegria, tanto em quem anuncia quanto em quem recebe a mensagem.

O terceiro e último capítulo se propõe a discorrer sobre a alegria na missão de anunciar o Evangelho. Para tanto, pretende-se estabelecer a relação entre *diakonia*, anúncio e Palavra de Deus, entendida como Evangelho de Deus. A *diakonia* comparece como *médium* (mediação, instrumento) a serviço da Palavra, do altar e da caridade. Hipótese a ser confirmada (ou negada) pela pesquisa é a de que o anúncio do Evangelho, por força do próprio Evangelho, faz novos(as) discípulos(as). Por fim, mas nem por isso menos importante, convém apontar os desdobramentos e as consequências para o(a) discípulo(a), para o(a) missionário(a) do anúncio do Evangelho feito na radicalidade do testemunho.

## CAPÍTULO I

### 1. A ALEGRIA COMO PRINCÍPIO E FIM DO ANÚNCIO DO EVANGELHO

O objetivo do capítulo é apresentar, de forma sumária, a alegria como princípio e fim do anúncio do Evangelho. Em outras palavras, a alegria deve constar do início ao fim do anúncio do Evangelho. Ela é a força motriz de quem se decide por anunciá-lo (apóstolo/a, discípulo/a, missionário/a etc.), assim como é o fim último da mensagem anunciada.

Entende-se aqui a alegria não como sentimento abstrato, mas como experiência na vida daquele(a) que se decide pelo exercício do discipulado. A alegria decorre da missão (enquanto ação missionária), da meditação dos “feitos” de Jesus (que não se limita aos milagres), da contemplação do Evangelho (“conteúdo” do anúncio), da mensagem anunciada (o próprio Evangelho de Cristo), ainda que em circunstâncias e limitações humanas.

Na *Constituição Apostólica Veritatis Gaudium* (VG), o Papa Francisco adverte que a alegria a ser anunciada é o próprio Jesus Cristo e o relacionamento com o Pai e o Espírito Santo. Deste modo, esta missão que a igreja recebeu não pode ser interrompida, bloqueada, mas deve estar carregada de uma paixão renovada<sup>1</sup>.

Nesta perspectiva, o Santo Padre ressalta, na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* (EG), publicada em 2013, que até mesmo os não cristãos têm muito a nos ensinar, uma vez que esses procuram viver situações próximas dos ensinamentos de Cristo mesmo não pertencendo à Igreja<sup>2</sup>, com os seus gestos e atitudes hão de encontrar e experienciar alegrias em suas vidas.

---

<sup>1</sup>PAPA FRANCISCO. *Constituição Apostólica Veritatis Gaudium* (VG): sobre as universidades e as faculdades eclesiais. Papa Francisco, São Paulo: Paulinas, 2018, p.6.

<sup>2</sup>PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium* (EG): Exortação Apostólica do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus / Loyola, 2013, n. 254, p. 197-198.

A alegria do anúncio tem como fonte o Criador, tal como nos apresenta o *Catecismo da Igreja Católica (CIC)*:

“Com a criação, Deus não abandona sua criatura a ela mesma. Não somente lhe dá o ser e a existência, mas também a sustenta a todo instante no ser, dá-lhe o dom de agir e a conduz ao seu termo. Reconhecer esta dependência completa em relação ao Criador é uma fonte de sabedoria e liberdade, alegria e confiança”<sup>3</sup>.

Esse sentimento de alegria, forte, profundo e inquebrantável, começa a encontrar espaço no coração da pessoa que reconhece a presença do Criador como fonte da vida, e se deixa levar por caminhos mais seguros, mesmo quando ao redor estão presentes os sofrimentos, as angústias, as inquietações, as frustrações, as perturbações, as contradições e as aflições que parecem querer sufocá-la.

A alegria do anúncio alcança a satisfação de se estar na presença de Deus, Criador do Universo, modelador e “inspirador” de toda criatura (Gn. 1, 26-28). São inúmeras as formas de presença de Deus no cotidiano de suas criaturas. A onipresença do Criador através da história pode ser notada nas grandes bênçãos ou nos festejos, após cada colheita realizada, fruto da dedicação e esforço do trabalho humano. O povo hebreu, por exemplo, comemorava e celebrava o período das colheitas dos frutos da terra, pois eram recebidos como graça e oferecidos em gratidão.

Muito comumente se entende o deserto como lugar árido, distante, tortuoso, perigoso, hostil à vida humana. A bem da verdade, há vida por todo lado; há sinais da presença de Deus em todo o lugar. Os caminhos queridos por Deus, por vezes, seguem na contramão dos desejados pelo ser humano, isto porque, não raro, têm direcionamento oposto, se mostra cercado por veredas e obstáculos quase intransponíveis. Porém, há nos caminhos queridos por Deus fontes inesgotáveis de amor, pois Ele transforma todo e qualquer obstáculo em fonte de verdadeira alegria, isto porque “em verdes pastagens me faz reclinar; para águas em lugares de repouso me conduz” (Sl. 23, 2).

---

<sup>3</sup>CIC - CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2017, n. 301, p. 353.

O anúncio do Evangelho não constitui monopólio de alguns poucos privilegiados. Esta é a missão de todo(a) batizado(a) (Mt. 28,19) . Ademais, não se constitui fim em si mesmo, mas em fazer seguidores(as) do Cristo, para a alegria daquele(a) que decidiu acolhê-Lo, segui-Lo. Desta feita, o que legitima cada pessoa batizada a anunciar e a evangelizar é o próprio Cristo. Assim instrui o magistério da Igreja, através do documento da *Congregação para a Doutrina da Fé*, por meio de *Nota Doutrinal Sobre Alguns Aspectos da Evangelização*: “Em todo o caso, evangelizar significa não só ensinar uma doutrina, mas anunciar Jesus Cristo com palavras e ações, isto é, fazer-se instrumento da sua presença e ação no mundo”<sup>4</sup>.

### **1.1 Manifestações de Alegria na tradição bíblica**

O objetivo aqui é apresentar as manifestações de alegria na tradição bíblica. São inúmeras as manifestações de alegria no texto bíblico, de modo que nos é possível afirmar que o tema da alegria transpassa o texto sagrado. Na Bíblia, a alegria emerge, sobretudo, do encontro com o Senhor, mas decorre ainda de outras inúmeras circunstâncias, como sinal de gratidão pela colheita, pela liberdade do cativo, de regozijo pelos sinais de presença (física) de Deus na condução do povo pelo deserto rumo à terra prometida etc.

Convém salientar que, quer no Primeiro quer no Segundo Testamento, se constata inúmeras passagens sobre o tema da alegria, estando esta, por vezes, relacionada às dádivas recebidas de Deus, e quase sempre em agradecimento ao Senhor, por manifestação de sua bondade, amor, paciência, compaixão etc. Esta percepção veterotestamentária ajuda a reconhecer que o tema em desenvolvimento está presente na narrativa bíblica desde os primórdios da criação.

---

<sup>4</sup>LEVADA, William Cardeal (Prefeito). *Congregação para a Doutrina da Fé*. In: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20071203\\_notaevangeliizzazione\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20071203_notaevangeliizzazione_po.html), 2007, n. 2, s/p. Acesso em 01/03/2022.

O Primeiro Testamento traz uma riqueza abundante e extraordinária de expressões que designam a alegria, e dispõe de muitos sinais que despertam sentimentos alegres. Muitas dessas manifestações estão relacionadas aos bens terrestres com as suas limitações e brevidades, como recorda a literatura sapiencial (Pr. 14,13). Contudo, resta claro que, nestes escritos, toda felicidade emana de Deus (Jr. 7, 34).

Na narrativa bíblica de muitos fatos, eventos e acontecimentos, está sublinhado que o povo da Antiga Aliança experimentava fortemente a alegria da presença de Deus em seu cotidiano. É o que se verifica quando é celebrada a volta do exílio no Egito (Ex. 12, 41), que foi um período de liberdade restrita e de outras tantas dificuldades. No livro do profeta Isaías, encontra-se um verdadeiro “hino à alegria” (Is. 35,1-10).

Alegrem-se o deserto e a terra seca, rejubile-se a estepe e floresça; como o narciso, cubra-se de flores, sim, rejubile-se com grande júbilo e exulte. A glória do Líbano lhe será dada, bem como a beleza do Carmelo e do Saron. Eles verão a glória de lahweh, o esplendor do nosso Deus. Fortalecei as mãos abatidas, revigorai os joelhos cambaleantes. Dizei aos corações conturbados: "Sede fortes, não temais. Eis que vosso Deus vem para vingar-vos, trazendo a recompensa divina. Ele vem para salvar-vos. Então se abrirão os olhos dos cegos, e os ouvidos dos surdos se desobstruirão. Então o coxo saltará como o cervo, e a língua do mudo cantará canções alegres, porque a água jorrará do deserto, e rios, da estepe. A terra seca se transformará em brejo, e a terra árida em mananciais de água. Onde repousavam os chacais surgirá campo de juncos e de papiros. Ali haverá uma estrada — um caminho que será chamado caminho sagrado. O impuro não passará por ele. Ele mesmo andará por esse caminho, de modo que até os estultos não se desgarrarão. Ali não haverá leão; o mais feroz dos animais selvagens não o trilhará, nele não será encontrado. Antes, por ele trilharão os redimidos. Assim voltarão os que foram libertados por lahweh, chegarão a Sião gritando de alegria, trazendo consigo uma alegria eterna; o gozo e a alegria os acompanharão, a dor e os gemidos cessarão (Is. 35,1-10).

É alegria que não se controla, que não se contém, que não se limita nem se circunscreve aos seres humanos. Todos são chamados à alegria, mesmo que no deserto, na terra árida, na estepe, alegria de compartilhar a dádiva da vida dada pelo Criador às criaturas, à fauna, à flora. Em síntese, todos os seres e biomas conhecidos. À semelhança de grande proclamação de fé, o profeta Isaías

sugere que o povo venha a assumir e reconhecer que é Deus mesmo quem intervém e quem realiza os anseios da humanidade. Assim, no hino está presente a felicidade pela liberdade adquirida, mas também pela bondade de Deus que cuida de toda a Criação.

Ressalta-se que essa alegria começa a encontrar espaço no coração da pessoa que reconhece Deus e sua bondade. Essa alegria acompanha a pessoa por toda a vida, não sem dores, frustrações e sofrimentos. Não obstante, culmina em júbilo a Deus, por reconhecer os seus feitos como algo sem precedente na história. O Deus que cria, cuida, é o mesmo que conduz, em segurança, a pessoa pelo caminho das incertezas, assim como conduziu Israel pelo deserto, com a promessa de terra e água (cf. Ex. 33,3), como símbolos de vida eterna.

O Papa Francisco recupera, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, o contexto, a extensão, a profundidade e a força da alegria no Primeiro Testamento. Segundo o Pontífice,

Os livros do Antigo Testamento preanunciaram a alegria da salvação, que havia de tornar-se superabundante nos tempos messiânicos. O profeta Isaías dirige-se ao Messias esperado, saudando-O com regozijo: 'Multiplicaste a alegria, aumentaste o júbilo' (9, 2). E anima os habitantes de Sião a recebê-Lo com cânticos: 'Exultai de alegria!' (12,6). A quem já O avistara no horizonte, o profeta convida-o a tornar-se mensageiro para os outros: 'Sobe a um alto monte, arauto de Sião! Grita com voz forte, arauto de Jerusalém' (Is. 40, 9)<sup>5</sup>.

A missão de anunciar e comunicar a mensagem divina, evidenciada nas passagens acima, mostra o desafio dos profetas, que além de servirem como conselheiros e instrutores do povo, na Lei de Deus, denunciaram as injustiças, defenderam a causa dos mais necessitados, contribuíram, assim, de forma eficaz, para o plano de Deus. Fato é que desta forma não desejavam defender uma mensagem própria, mas aquela que vem do alto, revelada por Deus, e por eles interpretada, a fim de fazer a vontade D"Ele.

---

<sup>5</sup>PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG). São Paulo: Paulus / Loyola, 2013, n. 4, p. 5.

O tema da alegria nos textos bíblicos, não raro, está diretamente relacionado às festividades, quer na família, na comunidade, quer na cidade. Salienta-se que os eventos festivos se constituíam em ocasião de ensinamentos, exortações e envio, tal como registra o profeta Neemias: “Ide, fazei uma refeição abundante, tomai bebidas doces e mandai porções a quem nada preparou. Pois hoje é um dia consagrado a nosso Senhor! Nada vos aflijais: a alegria do Senhor é a vossa fortaleza!” (Ne. 8, 10).

Enquanto nos cultos do paganismo cananeu reinava alegria advinda da orgia, a alegria de “Israel” não deve ser assim, advertia o profeta Oséias (Os 9,1-4). Porém, em toda festa voltada a Deus reina a verdadeira alegria, como nas festas relativas à Páscoa do antigo Israel (Ex. 12, 1-14), Pentecostes (Lv. 23, 15-22), Tabernáculos (Lv. 3, 33-44), Translado da Arca (1Rs. 8, 1-8), Consagração da Muralha (Ne. 12, 27). A alegria emerge, via de regra, de eventos coletivos, comunitários e sociais.

Também vem do Senhor a alegria que decorre dos sacrifícios (de animais), das oferendas, do dízimo, da comunhão, da gratidão pelas bênçãos recebidas. É o que sugere a síntese encontrada no livro do Deuteronômio:

Levareis para lá vossos holocaustos e vossos sacrifícios, vossos dízimos e os dons das vossas mãos, vossos sacrifícios votivos e vossos sacrifícios espontâneos, os primogênitos das vossas vacas e das vossas ovelhas. E comereis lá, diante do Senhor vosso Deus, alegrando-vos com todo o empreendimento da vossa mão, vós e vossas famílias, com o que Senhor teu Deus te houver abençoado (Dt. 12, 6-7).

O autor de Deuteronômio entende que o serviço ao Senhor, também em tempo de prodigalidade, deve ser realizado com “alegria e generosidade”, caso contrário, servirá ao “inimigo”, com privações,

Uma vez que não serviste ao Senhor teu Deus com alegria e generosidade quando estavas na abundância, servirás então o inimigo que o Senhor enviará contra ti, na fome e na sede, com nudez e privação total. Ele porá em teu pescoço um jugo de ferro até que sejas exterminado (Dt. 28,47-48).

Revela-se, aqui, a face do “deus” temível ou terrível conforme a percepção sobre Deus presente na cultura de Israel, que “aguarda” por celebrações em gratidão, especialmente em tempo de abundância.

Há, porém, alegria cuja fonte é a vivência espiritual, que desperta a piedade, tal como se verifica em alguns Salmos, quando o Senhor se regozija com sua criação (Sl 104,31), também o homem encontra nela (criação) o seu prazer, sobretudo quando se recorda da história da salvação (Sl 74,13-21; 92,5-12). E mais, a fidelidade do Deus da Aliança, a sabedoria de Deus na vontade revelada através da Lei, a eleição de Israel como povo escolhido (Sl 149,2-4) são fontes e motivos especiais de profunda alegria.

O passo decisivo em direção à alegria no Segundo Testamento é dado pelo anúncio da alegria escatológica, portanto messiânica, como a volta do povo cativo que tinha uma imagem da felicidade pelo fim dos tempos difíceis, pela liberdade conquistada e pela expectativa de chegada à terra prometida, na qual as futuras gerações viveriam em paz e em abundância.

Ao longo do Segundo Testamento, encontramos igualmente relatos de alegria, temos, por exemplo, a alegria das mulheres, em especial Maria Madalena, quando informa aos discípulos que tinha visto Jesus fora do sepulcro e o que ele havia dito.

Maria Madalena foi anunciar aos discípulos: “Vi o Senhor, e as coisas que ele lhe disse” (Jo. 20,18). Noutra passagem, Jesus adentra o local onde estavam reunidos os discípulos por medo dos romanos e se apresenta com as marcas dos pregos em suas mãos e o lado que o soldado tinha ferido (Jo. 20, 19-20). Impossível imaginar a explosão de alegria vivida nestas duas ocasiões.

Em algumas ocasiões, relatos nas sagradas escrituras sugerem a vivência de uma alegria momentânea, por vezes, vazia, superficial e falsa, a exemplo do que experimentam e procuram demonstrar os sumos sacerdotes com a traição de Jesus de Nazaré por Judas, o Iscariotes.

Aproximava-se a festa dos Pães sem fermento, que chamam de Páscoa. Os sumos sacerdotes e os escribas procuravam a maneira de fazê-lo desaparecer, pois temiam o povo. E Satanás entrou em Judas chamado Iscariotes, que era do número dos Doze, ele foi falar com os sumos sacerdotes e os chefes dos guardas sobre a maneira de lho entregar. Eles se alegraram e concordaram em dar-lhe dinheiro. Ele aceitou e se pôs a procurar uma ocasião oportuna para entregá-lo, longe da multidão (Lc. 22, 1-6).

Verifica-se aqui ser alegria fundada na maldade, na traição, na morte. Impossível ser alegria verdadeira, profunda e duradoura. No livro de Jó lê-se: “Não sabes que é assim desde sempre, desde que o homem foi posto na terra, que o júbilo dos ímpios é efêmero e a alegria do malvado só dura um instante?” (Jó. 20, 4-5).

A verdadeira alegria é como dádiva religiosa, possui raízes profundas, uma razão de ser na verdade, na realidade, na bondade, na justiça, no direito. Assim é por estar ligada à pessoa de Jesus Cristo. O evangelista João cria com o anúncio da gravidez de Isabel e Zacarias, ocasião de muita alegria. “Não temas, Zacarias, porque a tua súplica foi ouvida, e Isabel, tua mulher, vai te dar um filho, ao qual porás o nome de João. Terás alegria e regozijo, e muitos se alegrarão com o seu nascimento” (Jo. 1,13-14). O nascimento de João, o Batista, o precursor de Jesus, produz alegria mesmo tendo no horizonte muito sofrimento, desolação, dor e morte.

O nascimento de uma criança é motivo de muita alegria. Antes, a gravidez é tempo de alegria e expectativa. Lucas 1, 44 relata a alegria de uma criança (João) ainda no ventre materno (Isabel). A vida, supostamente escondida na gravidez, insiste em se manifestar. No relato de Lucas, a vida que se manifesta é o prenúncio da Salvação de todo um povo, de libertação de toda a humanidade de tudo que a escraviza, de tudo que a deixa menor no plano de salvação. A vida e a alegria de João, o precursor, se entendem na relação com a vida de Jesus de Nazaré e o Reino de Deus em construção.

## 1.2 Manifestações de Alegria na tradição da Igreja

Nesta seção, o objetivo é apresentar, de forma sumária, as manifestações de alegria na tradição da Igreja. Isto é, assinalar como a Igreja, no decurso dos séculos, se alegra (e promove alegria) ao anunciar o Evangelho como Igreja eminentemente missionária.

A alegria dos(as) primeiros(as) cristãos(ãs) transpassa o tempo dos fatos vividos por Jesus. Sempre que revisitamos os textos sagrados, em perspectiva hermenêutica, alimentamos a pretensão de reviver a experiência dos(as) cristãos(ãs) que nos precederam, quanto possível, até a experiência das primeiras comunidades, quanto desejável, até a vivência dos discípulos.

Nossa compreensão do Evangelho extrapola os quatro evangelhos, pois inclui a própria pessoa de Jesus, o Cristo de Deus. O que pretendemos narrar, como alegria do anúncio, pressupõe esta compreensão. Assim, o que se descreve, neste contexto, é a alegria que rasga os séculos, mas que brota do próprio Jesus como Evangelho de Deus e Evangelho para a Igreja.

O anúncio do Evangelho, gerador de alegria, tanto para quem o faz quanto para quem o recebe, constrói uma tradição. Importante salientar que a tradição não possui valor em si mesma, mas em razão do “conteúdo” que se procura transmitir, declarar, propagar. Este suposto conteúdo é o Cristo, responsável, em última instância, pela promoção da alegria no missionário - o portador da Palavra -, mas também no ouvinte, quem a(o) acolhe.

Ademais, nossa compreensão de tradição se fundamenta em definição apresentada pelo CIC, a saber:

A Tradição de que falamos aqui é a que vem dos apóstolos e transmite o que estes receberam do ensinamento e do exemplo de Jesus e o que receberam por meio do Espírito Santo. Com efeito, a primeira geração de cristãos ainda não dispunha de um Novo Testamento escrito, e o próprio Novo Testamento atesta o processo da Tradição viva<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup>CIC - **CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. São Paulo: Loyola, 2017, n. 83, p. 5.

Já nos primórdios da Igreja se formou a convicção de que existiam duas formas de transmissão da Palavra do Senhor, quais sejam: a Escritura e a Tradição. A Escritura, *grosso modo*, reúne os livros que compõem o cânone. A tradição, além da oralidade, abarca também o conjunto de símbolos, gestos e sinais usados pelas comunidades cristãs. Segundo Santo Hilário de Poitiers, bispo da Igreja antiga, “a Sagrada Escritura está no coração da Igreja, mais que em pergaminhos”. De modo que “a Escritura e a Tradição pertencem-se mutuamente”; e “a transmissão da fé não ocorre primordialmente através de texto”<sup>7</sup>, mas por meio de um dinamismo que envolve todos os elementos de uma tradição.

Isto posto, e atendendo ao chamado do mestre, “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc. 16,15), a responsabilidade em disseminar essas verdades, transmiti-las, ensiná-las e esclarecê-las fica a cargo sobretudo do Magistério da Igreja, mas efetivamente realizadas pelos membros mais atuantes e comprometidos da comunidade eclesial, a exemplo dos agentes de pastorais.

No ambiente da Igreja, a alegria é vivida em locais até mesmo onde não controlamos, por ser considerado reservado, privado, íntimo. Contudo, há lugares em que a alegria é experimentada em eventos coletivos, a exemplo dos Concílios, das Assembleias do CELAM e da CNBB.

Os Concílios são, *grosso modo*, a reunião da “Igreja Universal”, isto é, o encontro dos representantes das Igrejas particulares e locais. Os Concílios de Nicéia I (325), Constantinopla, Vaticano II, entre outros, embora tenham ocorrido em períodos históricos distintos, enfrentaram temas polêmicos e sistematizaram questões, cujo resultado foi de profunda alegria e orientação para a Igreja.

Em resposta ao arianismo, que pregava a humanidade de Jesus e quase desconsiderava sua divindade, o Concílio de Nicéia I (325), afirmou a divindade de Jesus, sem questionar a divindade do Pai. O concílio de Constantinopla I (381)

---

<sup>7</sup>YOUCAT. **Catecismo Jovem da Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2011, p. 19.

elabora e proclama o credo cristão niceno-constantinopolitano, no qual os padres conciliares colocaram o Espírito Santo no mesmo patamar do Pai e do Filho (Jesus). Em Éfeso (431), os nestorianos colocaram em questão a *natureza* e a *vontade* de Jesus. Os opositores, no entanto, firmaram o entendimento de que Jesus é de natureza humana e divina, permanecendo em aberto, pelo menos até o Concílio de Constantinopla III (680-681), a questão da *vontade* de Jesus - se apenas humana, se apenas divina ou ambas.

Embora condenando a “modernidade”, o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), ressaltou a importância dos movimentos (bíblico, litúrgico, teológico, leigo, ecumênico) responsáveis pelo dinamismo da Igreja em seu cotidiano. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* procurou reconciliar a Igreja Católica com o “mundo moderno”. O Concílio Vaticano II, em particular, produziu muita alegria na Igreja por meio da valorização da presença e da abertura efetiva à participação dos(as) leigos(as) no fazer pastoral da Igreja local. Em razão da matéria em questão e do contexto sócio histórico e eclesial, estes Concílios criaram expectativas, geraram esperança e promoveram profunda alegria, sobretudo nos cristãos católicos.

Os eventos regionais da Igreja Católica, de igual forma, também produziram (e seguem repercutindo) muita alegria no coração dos fiéis. Desde a criação do CELAM (*Conselho Episcopal Latino-Americano*)<sup>8</sup>, em 1955, a Igreja da região tem promovido eventos geradores de vários sentimentos em seu seio, sendo os mais marcantes os de alegria, euforia, comunhão, esperança, além de expectativas acerca dos temas a serem debatidos e sobre os novos rumos da Igreja no Continente.

As reuniões do CELAM, bem como as *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano*, promoveram profunda alegria na Igreja do Continente, mas em particular no laicato. Em artigo intitulado “*Os leigos no*

---

<sup>8</sup>O CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano), criado em 1955, constitui entidade que reúne os bispos da América Latina e do Caribe. Convém ressaltar que, assim como a América Latina e Caribe, os outros continentes, em tempos diferentes, também criaram suas entidades.

*CELAM: apontamentos principais*<sup>9</sup>, Robson Ribeiro de Oliveira Castro observa, analisa e comenta sobre a participação do laicato em praticamente cem por cento das reuniões da *Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano* na cidade do Rio de Janeiro (Brasil, 1955), Medellín (Colômbia, 1968), Puebla (México, 1979), Santo Domingo (República Dominicana, 1992) e, por último, Aparecida (São Paulo, Brasil, 2007). Em síntese, o CELAM e a *Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*, pelas funções exercidas e atividades desempenhadas, produziram (e continuam a promover) muita alegria na Igreja do Continente.

A Igreja, no Brasil, experimenta a alegria que brota do lado aberto (Jo 19, 34) e misericordioso do Senhor, mas também da que decorre de sua estrutura organizacional. A criação da CNBB (*Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*), em 1952, gerou muita expectativa na hierarquia da Igreja, mas também produziu muita esperança nos(as) leigos(as). O comprometimento da CNBB com a sociedade brasileira, expresso por meio do aprofundamento e da sistematização de temas sensíveis, promoveu esperança e alegria em uma igreja cada vez mais inserida e comprometida. No curso de várias décadas, a Igreja Católica, por intermédio da CNBB, vem debatendo temas e pautando questões essenciais para a promoção da Justiça Social e do desenvolvimento socioeconômico da sociedade brasileira, tais como: Igreja e Reforma Agrária (1954), Igreja e movimento operário (1956), Pastoral da Terra (1980), Solo Urbano e Ação Pastoral (1982), Exigências cristãs de uma nova Ordem Constitucional (1986), Assembleia Nacional Constituinte (1987), Educação (1990), A Fraternidade e o Mundo do Trabalho (1991), Fraternidade e Educação (2022), entre outras.

As comunidades eclesiais rurais e urbanas celebram e vivem os sacramentos no desejo de segmento comunitário do Senhor, que se coloca no cotidiano destas comunidades, e cuja presença marca a vida coletiva e individual dos fiéis. Afetada pela presença do Senhor, as comunidades se tornam fonte permanente de alegria, que emergem das celebrações dos sacramentos, como também da reflexão e partilha da Palavra.

---

<sup>9</sup>OLIVEIRA CASTRO, Robson Ribeiro de. "Os leigos no CELAM: apontamentos principais". *Pensa-Revista Eletrônica da FAJE*, V. 7, n. 2 (2016), p. 159-177. In: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3645/3746>. Acesso em 01.04.2022.

### 1.3 Alegria do Anúncio do Evangelho pela Igreja

O objetivo desta seção é apresentar a alegria do anúncio do Evangelho pela Igreja que se coloca na condição de Igreja missionária, comprometida, particularmente, com os mais pobres. No mundo, a Igreja Católica é diversa, assim como são diferentes suas realidades e os desafios que se lhe impõem no cotidiano. Entretanto, a Igreja de Jesus se mostra sempre comprometida com a causa dos mais vulneráveis.

Os apóstolos de Jesus constituíram o que poderíamos chamar de primeira comunidade de cristãos, de seguidores imediatos de Jesus de Nazaré. Inegável que da convivência com Jesus, para além das dificuldades cotidianas, das transformações pelas quais passavam em seu interior, os apóstolos sentiam profunda alegria no seguimento do mestre e, posteriormente, por tê-lo reconhecido como “o Cristo, o filho do Deus vivo” (Mt. 16.16). Em comunidade, com o Cristo, a alegria se exprime, se vive e o próprio Jesus é a razão dessa alegria, que se encontra antes, durante e depois do anúncio.

A alegria é o que se vive no discipulado, no exercício da missão de Jesus Cristo, na realização do seu envio: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc. 16,15). O exercício da missão, no entanto, pressupõe um caminho, a exemplo do vivido pelos “discípulos de Emaús” (Lucas 24,13-35).

O caminhar dos discípulos rumo a Emaús é representativo da experiência que fazemos no discipulado, no anúncio do Evangelho. Interpretação possível do relato de Lucas 24,13-35 sugere que os discípulos apresentavam certo desânimo durante a caminhada, uma vez que o mestre deles aparentemente tinha sucumbido ao mais humilhante fracasso ante as lideranças religiosas, econômicas e políticas do Império Romano, mas, sobretudo, abatido pelas autoridades que se encontravam à época em Jerusalém. Sem que percebessem, durante esse caminhar, o Ressuscitado de Deus aparece a eles, de uma forma velada, discreta e começa a interrogá-los acerca do que tinha acontecido, e porque estavam tão tristes. Os discípulos, por sua vez, começam a discorrer

sobre os fatos mais recentes transcorridos em Jerusalém. Assim como no final da perícopes de Lucas, o revelar-se de Jesus, o Cristo ressuscitado, o vencedor da morte, produz e faz ecoar alegria imensurável nos(as) discípulos(as), mas também na comunidade dos crentes.

A Revolução Industrial Inglesa, ocorrida no século XVIII, promoveu profundas transformações em várias dimensões da sociedade, e fez emergir problemas socioeconômicos inteiramente novos, como o desemprego, a miséria, a fome, a superexploração do trabalhador, a exposição do indivíduo ao ambiente de trabalho insalubre. O Papa Leão XIII, na *Rerum Novarum* (1891), analisou e problematizou estas questões, direcionando o olhar da Igreja para um tempo novo (modernidade) e problemas novos (decorrentes da industrialização)<sup>10</sup>. Não que os problemas socioeconômicos das pessoas e das sociedades sejam razões de alegria para a Igreja, mas o seu enfrentamento, na companhia do Senhor, produz, sim, muita alegria nos que se colocam junto a Jesus na condição de discípulos e discípulas “do caminho”.

No esforço de dialogar com os desafios próprios do seu tempo, a Igreja Católica na América Latina, mas também em outras partes do mundo (especialmente na África), desenvolve nova estrutura de Igreja baseado em *Comunidades Eclesiais de Base* (CEBs)<sup>11</sup>, nas quais se verificam novo modelo de comunidade, e, em certa medida, a partir da qual desenvolve uma nova teologia<sup>12</sup> (Teologia da Libertação), bem como novas ações pastorais, com foco na opção preferencial pelos mais pobres.

---

<sup>10</sup>LEÃO XIII - *Rerum Novarum*, 1891. Sobre as condições de vida e trabalho dos operários. [http://www.vatican.va/holy\\_father/leo\\_xiii/encyclicals/documents/hf\\_lxiii\\_enc\\_15051891\\_rerumnovarum\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_15051891_rerumnovarum_po.html). Acesso em 08.04.2022.

<sup>11</sup>BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: A Reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008; BOFF, Clodovis et al. **As Comunidades de Base em questão**. São Paulo: Paulinas, 1997; OROFINO, F.; COUTINHO, S.; RODRIGUES, S. (Org.): **CEBs e os desafios do mundo contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2012.

<sup>12</sup>GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação – Perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2000; SEGUNDO, Juan Luis. **Teologia da Libertação. Uma advertência à Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1987; SOBRINO, Jon. **Jesus, o libertador**. Petrópolis: Vozes, 1996; BOFF, Leonardo. **Como fazer teologia da libertação**. [10ª Ed.]. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

Entre os anos de 1950 e 1990, as *CEBs* atuaram pastoralmente em tempo de muita tensão, confrontação e conflito com as elites nacionais, particularmente com os latifundiários. Apesar de toda a violência, as *CEBs* protagonizaram experiências de criatividade, liderança leiga e feminina, dinamismo, resistência, mudança de mentalidade, direito ao trabalho e à educação, promoção da justiça social e da dignidade da pessoa humana, particularmente nas Igrejas da América Latina e em parte da África. Comprometidas com a vivência radical do Evangelho, as *CEBs*, enraizadas no cotidiano das pessoas da comunidade, construíram ambientes de solidariedade, fraternidade, alegria, fervor e esperança na realização do reino de Deus entre nós. Importante ressaltar que lideranças eclesiais e leigas deste novo modelo de Igreja, por causa do seu efetivo compromisso com o Evangelho, receberam morte semelhante à de Jesus – a violência do martírio.

Em nossos dias, a *comunidade eclesial missionária* também se empenha no anúncio do Evangelho e vive as alegrias decorrentes deste anúncio. As *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2019-2023)*<sup>13</sup> jogam luzes sobre a missão das comunidades eclesiais missionárias, que frente aos desafios urbanos, fazem sua opção evangélica pelos mais pobres, os mais vulneráveis da sociedade. Cientes, e enfrentando desafios incalculáveis, as comunidades eclesiais missionárias abraçam a sua missão, no contexto e com os seus sujeitos missionários, e celebram, com alegria, as graças que recebem em realizações.

Esta *comunidade eclesial missionária* precisa identificar e reconhecer quais são os seus principais desafios hoje, para compreender, com sentido, sua missão no mundo. Desafios antigos, e sem solução, somam-se aos novos. A Igreja paroquial precisa responder, por exemplo, ao desafio de uma *catequese*, via de regra, sem pessoas preparadas para a realização do trabalho, assumido como missão desafiadora, mas amparado tão somente na condução voluntária. Acolhida efetiva e integral das pessoas e famílias tem se mostrado problema sem

---

<sup>13</sup>CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**: 2019-2023. Brasília: CNBB, 2019.

solução. A pastoral da acolhida, embora fundamental, se limita, por diversas razões, a acolher na secretaria ou no momento das celebrações. Ademais, o(a) leigo(a) precisa compreender o seu lugar na comunidade e acolher a sua missão na Igreja. Inadiável que todos superem a letargia, a acomodação, a inércia, o descompromisso. Os presbíteros, não raro, se tornam meros administradores de assuntos paroquiais, terceirizando sua missão de pastor de pessoas sedentas por vida em abundância. Em perspectiva, o Papa Francisco tem nos chamado a refletir e a assumir o compromisso com o cuidado de nossa casa comum<sup>14</sup> (*Laudato si*, 2015), sendo esta o meio ambiente e a preservação da biodiversidade. A Igreja precisa ainda, com generosidade e amor, mas também com ousadia, participar da *Revolução 4.0*, inserir-se no universo digital, apropriar-se do conhecimento produzido em outras áreas para o efetivo desenvolvimento de sua missão.

Procurando demonstrar maior compreensão de sua missão hoje, a Igreja Católica no Brasil tem refletido sobre os desafios de sua atuação no mundo contemporâneo. Documento produzido pela **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) - Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, 2019-2023** - reafirma a missão da Igreja e a dádiva da alegria.

“Centro da missão da Igreja: anunciar o amor de Deus e partilhar a alegria que se experimenta na conversão e na nova vida de comunhão com Ele. Esta é a fonte da missão evangelizadora. Por seu testemunho e suas obras a Igreja manifesta ao mundo a razão de sua esperança” (cf. 1Pd 3, 15)<sup>15</sup>.

Se “Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria; segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher” (cf. DAp 18)<sup>16</sup>. A missão é confiada a

---

<sup>14</sup>Papa Francisco. Carta Encíclica **Laudato si**: sobre o cuidado da casa comum. 2015. In: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Acesso em 22.04.2022.

<sup>15</sup>CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023**. Brasília: CNBB, 2019, p. 23-24.

<sup>16</sup>CELAM – V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: Texto Conclusivo. [12ª. Ed]. Brasília: CNBB, 2011. p. 17; DAp. 18.

todos(as) (Mc. 16,15), também na atualidade, por meio do Magistério, mas sobretudo aos(as) leigos(as), de modo a dar continuidade à missão por instrução do Mestre Jesus, sem jamais esquecer o conteúdo principal que é a própria pessoa de Jesus Cristo.

## **CAPÍTULO II**

### **2. ANÚNCIO DO EVANGELHO COMO FONTE DE ALEGRIA**

O objetivo do capítulo é apresentar, sumariamente, o anúncio do Evangelho como fonte de alegria, anúncio este realizado através da interpretação do evento-Cristo e sua mensagem a ser transmitida aos fiéis ouvintes/participantes. Uma vez recebida a mensagem, esta deveria, via de regra, animar, instigar, mobilizar. Espera-se que, entre os frutos da mensagem recebida, esteja acolher, anunciar para fazer multiplicar, junto daqueles(as) que a receberam. Dentro da missão da igreja está embutido o desejo de comunicar que a salvação cristã é para todos(as).

#### **2.1 Anúncio da Ressurreição como fonte (primeira) de alegria dos cristãos**

Os últimos eventos ocorridos em Jerusalém, mais precisamente com Jesus de Nazaré, foram trágicos: traição, prisão arbitrária, julgamento apressado, testemunhos forjados, condenação injusta, morte cruenta na cruz. A propósito, a morte de Jesus, por tudo o que ele já representava, resultou em profunda tristeza, angústia, desalento e desorientação de seus(as) seguidores(as). E mais, os de seu círculo de convivência, os(as) discípulos(as), se encontravam acabrunhados(as), desanimados(as), e em relação à perseguição dos judeus, também encurralados (Jo. 20,19).

A mensagem da alegria do anúncio do Evangelho, tal como relatado por alguns evangelistas, foi primeiramente contemplada, refletida e anunciada por mulheres: Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé (Mc. 16,1.9). Elas são surpreendidas com o túmulo vazio, o que gerou preocupação, dúvida, temor (Mt. 28,5) e espanto (Mc.16,5). Ainda próximas ao túmulo, as mulheres e mais especificamente Maria Madalena contempla o Ressuscitado, conversa com Ele,

ouve sua mensagem tomada de contentamento (Jo. 20,15). Daí é preciso anunciar o que foi contemplado, vivido, experimentado. (Jo. 20,18).

Assim, a tristeza da violência vivida por Jesus e seus(as) seguidores(as) dá lugar à alegria, ao entusiasmo, à esperança e também ao desejo de anunciar a todos(as) que o Mestre agora vive e está sempre em nosso meio. Importante sublinhar que as mulheres, como os relatos afirmam, jamais O abandonaram, nem mesmo no momento da crucificação. É verdade que, diante da cruz que prende o corpo de Jesus de Nazaré, todas elas estavam tristes e tomadas pela dor da perda. Entretanto, agora saem da região do túmulo, onde o corpo de Jesus de Nazaré havia sido depositado, como “apóstolas” e “arautas” do Evangelho, indo ao encontro dos(as) discípulos(as) para lhes anunciar a ressurreição e a mensagem do Ressuscitado, transmitindo-lhes a alegria da vitória da vida sobre as forças da morte.

O anúncio da ressurreição pelas mulheres (Mc. 16,1.9) representa, de imediato, o anúncio de uma alegria que não pode ser contida, enclausurada, monopolizada, mas a ser transmitida a todos(as), sem reservas e limites geográficos. Além das mulheres, o Ressuscitado se coloca no caminho com dois discípulos (Mc. 16, 12), e lhes restaura a serenidade, a esperança, a paz etc. O rosto sombrio que tinham os discípulos rumo à Emaús (Lc. 24,13-35) cede lugar à alegria do reencontro com Jesus, agora Ressuscitado, que abençoa e reparte o pão com eles.

Desde o primeiro anúncio, o evento ressurreição não se descola dos fatos vida-morte, mas mantém uma integridade como evento pascal. A missão dos(as) discípulos(as), dos(as) apóstolos(as) e, posteriormente, dos padres, dos(as) religiosos(as), dos leigos(as) missionários(as) é rememorar e anunciar a ressurreição como evento fundante de nossa alegria, que é alegria de vida eterna e salvação em Cristo Jesus.

A ressurreição de Jesus, como superação do pecado e da morte, recolocou a todos(as) no caminho, reacendeu em todos(as) a esperança, restaurou as perspectivas, reabriu os horizontes e se transformou em “conteúdo”

de anúncio, a ser feito na comunidade e além fronteiras. Jesus Cristo, o Ressuscitado de Deus, pode ser agora “levado” a outros lugares, muito além das regiões da Judéia e da Galileia. E mais, a partir de então não é mais só a palavra de Jesus que se torna conteúdo do anúncio missionário - “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc. 16,15), mas o evento ressurreição como evento parte do evento pascal. Em Marcos temos: “[...] ele apareceu primeiro a Maria Madalena [...]. Ela foi anunciá-lo àqueles que tinham estado em companhia dele [...]” (Mc. 16, 10), com a seguinte recomendação: “É necessário que primeiro o Evangelho seja proclamado a todas as nações” (Mc. 13,10).

O evento ressurreição, em si mesmo, é causador de alegria para os(as) amigos(as) e companheiros(as) do cotidiano. Pois assim declarou Jesus: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que seu senhor faz; mas vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer” (Jo. 15,15). O Ressuscitado se torna fonte inesgotável de alegria, esperança, razão de vida e morte pelo martírio. A missão, cujo “conteúdo” principal é o anúncio da ressurreição, expõe o(a) discípulo(a), o(a) missionário(a) ao risco de morte, provocada pelos que resistem à verdade da fé e da vida em Cristo.

O anúncio da ressurreição (e do Ressuscitado) participa da “peregrinação” diuturna dos(as) cristãos(ãs). De modo que onde quer que estejam, os(as) cristãos(ãs) levam consigo o anúncio do Ressuscitado e da ressurreição, como anúncio de uma *pessoa ressuscitada*, evento grandioso e extraordinário para todas as culturas. A ressurreição é verdade histórica (para a Igreja), mas, sobretudo, verdade objeto de fé. A compreensão deste evento ressurreição, como verdade, orienta a vida do crente, seu agir e comportamento em sociedade, leva ao desejo de configurar a própria vida a vida de Jesus Cristo. Neste peregrinar, por adesão que pressupõe fé, na companhia amiga e solidariedade de Jesus Cristo, os(as) cristãos(as) percebem as exigências desta configuração como fidelidade no seguimento.

O anúncio da ressurreição nos leva a dar testemunho de um túmulo vazio. O teólogo dominicano Carlos Mendoza-Álvares, ao realizar uma profunda

interpretação bíblica sobre o ocorrido com Jesus de Nazaré, atualiza e ressignifica o túmulo vazio. Segundo ele,

*[...] se lemos os relatos do túmulo vazio e das aparições como um processo de luto vivido pela comunidade jesuânica, compreenderemos melhor a experiência originária do tempo messiânico que deu nascimento à Igreja como comunidade escatológica, graças à memória dos sobreviventes do Justo aniquilado. Uma memória que se fez escritura midráshica da chegada e finalmente realizada do "Filho do homem", de modo paradoxal, mas eficaz, na vida de Jesus de Nazaré, mediante sua execução numa cruz e sua páscoa vivida como resgate e glorificação realizada pelo seu Abba<sup>17</sup>.*

A Igreja Católica na América Latina, assim como a Igreja em todo o mundo, vive a alegria do anúncio da ressurreição e do Ressuscitado. As *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe* e o *Conselho Episcopal Latino-Americano* (CELAM), como expressão de um corpo vivo, criativo e dinâmico no Continente, representam a vivência desta alegria em meio aos desafios de uma Igreja chamada a gerir especificidades regionais, mas sobretudo a enfrentar contradições e injustiças sociais, econômicas e culturais históricas.

As *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, particularmente as realizadas em Medellín (Colômbia, 1968) e em Puebla (México, 1979), impeliram a Igreja do Continente a lutar por justiça, de modo que o enfrentamento das desigualdades socioeconômicas resultou em dor pelo martírio de muitos clérigos, religiosos(as) e leigos(as), mas também em esperança, euforia e contentamento pela vivência do Ressuscitado na vida dos pobres. Restava evidente que a Igreja no Continente anunciava, com alegria, Jesus no cotidiano dos pobres, denunciador das injustiças, libertador das alienações e das correntes da escravidão, amante dos pobres, vencedor da morte e do pecado pela ressurreição.

Nesta perspectiva, os bispos reunidos em Aparecida (2007), durante a *V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, afirmam:

---

<sup>17</sup>MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. **A ressurreição como antecipação messiânica**. Luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes. Petrópolis/RJ: Vozes, 2020, p. 271.

“A alegria do discípulo não é um sentimento de bem-estar egoísta, mas uma certeza que brota da fé, que serena o coração e capacita para anunciar a boa nova do amor de Deus. Conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria”<sup>18</sup>.

O anúncio da ressurreição e do Ressuscitado também é fonte de muita alegria na Igreja Católica no Brasil. A Igreja, por meio da CNBB, assume o anúncio da ressurreição, como integrante do evento pascal, como desafio primeiro de sua missão. Evangelizar é, em última instância, anunciar que Jesus é o Ressuscitado de Deus. Daí, se verifica que o Ressuscitado de Deus vive e quer fazer viver em todas as situações e circunstâncias, com vida em abundância (Jo. 10,10). Por isso, o anúncio da ressurreição e do Ressuscitado é libertador de todas as formas de miséria que se possa encontrar no mundo humano (injustiça, discriminação, desigualdade, preconceito, racismo, xenofobia, velhofobia, violência, guerra, pecado etc.). As *Campanhas da Fraternidade*, desde 1961, entre outras iniciativas pastorais e missionárias da Igreja, se afirmam como fundamentais no anúncio da ressurreição e do Ressuscitado, pois se configuram como canais de conscientização, orientação e reflexão sobre a realidade contemporânea, de denúncia das injustiças, das desigualdades e das violências e de promoção da vida, da dignidade da pessoa humana pelo acesso ao trabalho e ao emprego, da esperança, da alegria no cotidiano das pessoas.

## **2.2 O Evangelho como “conteúdo” do anúncio cristão**

O objetivo da seção é identificar nos textos bíblicos, mais precisamente nos Evangelhos (Mt, Mc., Lc. e Jo), o “conteúdo” do anúncio cristão, isto é, “substância”, a “matéria” do anúncio missionário. Entende-se aqui por “conteúdo” do anúncio cristão tanto os relatos dos evangelistas quanto o próprio Jesus Cristo, como densidade, integridade e completude do evento pascal.

---

<sup>18</sup>CELAM - V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007). **Documento de Aparecida** (DAp, 2007). Texto Conclusivo. [12ª. Ed.]. Aparecida/São Paulo; Brasília: CNBB, 2011, n. 29, p. 24.

Assim, a mensagem anunciada por Jesus de Nazaré, recebida, sistematizada e anunciada pelos(as) discípulos(as), vivida pelas primeiras comunidades é que, em parte, se torna "conteúdo" dos relatos elaborados pelos evangelistas e que, posteriormente, passam a ser usados como referência para o anúncio de Jesus (histórico e ressuscitado). De igual modo, a própria pessoa do ressuscitado é tomada pelo "conteúdo" do anúncio cristão. Compreendem os cristãos(ãs) que Jesus ressuscitado é Jesus vivo.

Indicamos acima que a ressurreição de Jesus é o evento fundante da alegria dos cristãos. Entendemos que o evento ressurreição cria as condições para que os(as) discípulos(as), os(as) apóstolos(as), os(as) primeiros(as) cristãos(ãs) e os(as) cristãos(ãs) de nossos dias ressignifiquem a vida de Jesus de Nazaré. Isto significa que o Ressuscitado de Deus é o mesmo Jesus, nascido em Nazaré e que percorreu as regiões da Galiléia e da Judéia e morreu em Jerusalém.

O evento pascal – e não apenas o evento ressurreição efetivamente compreendido pelos(as) discípulos(as) - se torna o "conteúdo" de sua mensagem. Em outras palavras, a mensagem de Jesus é acolhida pelos(as) discípulos(as) e, por essa razão, se torna o conteúdo da mensagem destes. Não se trata de mera simpatia para com a pessoa de Jesus, mas de adesão à mensagem do mestre, do compromisso da realização missionária, da compreensão de Jesus como verdade, justiça e salvação.

Para os discípulos(as), o "conteúdo" da mensagem é o próprio Jesus ressuscitado. A bem da verdade, ao anúncio do ressuscitado soma-se ao pedido feito pelo próprio Jesus - "Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16,15). Assim como os(as) discípulos(as), os(as) apóstolos(as) também têm Jesus ressuscitado como conteúdo de sua mensagem. Segundo Lucas, em Atos dos Apóstolos, "uma jovem que tinha um espírito de adivinhação" teria declarado: "Estes homens são os servos de Deus Altíssimo; eles vos anunciam o caminho da salvação" (At 16, 16-17). Os(as) apóstolos(as) anunciam Jesus ressuscitado com apelo de conversão: "Crê no Senhor Jesus e serás salvo,

tu e a tua casa” (At 16, 31). Tal como se verifica em episódio da prisão de Paulo e Silas durante a segunda viagem missionária. Após a libertação de ambos por vontade deliberada do carcereiro, “Eles [Paulo e Silas] anunciaram a palavra do Senhor a ele e a todos os que viviam em sua casa” (At 16, 31).

Na cidade de Jerusalém, em relato de Pentecostes (At 2,1-13), há testemunho da pregação pelos discípulos junto aos povos vindos de todas as nações: “tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes, nós os ouvimos apregoar em nossas próprias línguas as maravilhas de Deus!” Estavam todos estupefatos. E, atônitos, perguntavam uns aos outros: “Que vem a ser isto?” Outros, porém, zombavam: “Estão cheios de vinho doce!” (At 2, 11-13). Embora reconhecessem as maravilhas do que pregavam espontaneamente, duvidavam do conteúdo da pregação. A pregação pelos discípulos trazia como mensagem a novidade do anúncio da ressurreição.

Alguns os acusaram de ter abusado de uma bebida fermentada para ficar assim fora de si. Mas as zombarias de nada adiantaram. Eles simplesmente riram. Se estavam embriagados, não era de vinho, mas de alegria, uma alegria tão irreprimível, tão contagiosa que eles não conseguiam se calar<sup>19</sup>.

Porém a pregação trazia como mensagem a novidade do anúncio da ressurreição, tanto é que estando eles reunidos, Pedro tomou a palavra e começou a falar aos “homens da Judéia e todos vós, habitantes de Jerusalém”, advertindo-os de que “estes homens não estão embriagados, como pensais [...]”. O que está acontecendo é o que foi dito por intermédio do profeta: “Sucederá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão [...]” (Jl 3, 1; At 2, 14-17). Observa-se que o tema da profecia migra da tradição judaica para o ambiente cristão, ainda em processo de formação das primeiras comunidades.

Os discípulos, no entanto, precisam dar a conhecer aos (novos) ouvintes o conteúdo da mensagem, sobre a qual profetizam em Jerusalém e cercanias. Por isso, Pedro esclarece os presentes:

---

<sup>19</sup>Doré, Joseph. **JESUS: A ENCICLOPÉDIA**. [1ª Ed]. Petrópolis/RJ: Vozes, 2021 p. 31-32.

“Homens de Israel, ouvi estas palavras! Jesus, o Nazareu, foi por Deus aprovado diante de vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus operou por meio dele entre vós, como bem o sabeis. Este homem, entregue segundo o desígnio determinado e a presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias do Hades, pois não era possível que ele fosse retido em seu poder<sup>20</sup> (At 2, 22-24).

Pedro deixa claro, por meio de relato, quais são os conteúdos do anúncio: Jesus de Nazaré, o profeta de Deus e pessoa reconhecida por todos. De modo que não se trata de profetizar sobre um desconhecido, mas acerca de alguém sobre o qual não paira a menor dúvida. Do conteúdo do anúncio, Pedro recorda a todos os feitos de Deus, realizados por meio D’Aquele que foi “por Deus aprovado”, recebeu a condenação por morte em cruz, mas que ressuscitou do mundo dos mortos, como libertação da morte e do pecado.

Em assembleia na qual Matias recompõe o grupo dos doze discípulos (após o abandono da missão por Judas e, supostamente, depois de haver cometido o suicídio, At 1, 18), Pedro sugere que o escolhido tenha conhecimento de toda a trajetória feita por Jesus, que tenha estado em companhia de Jesus. Diz Pedro: “É necessário, pois, que, dentre estes homens que nos acompanharam todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu em nosso meio, a começar do batismo de João até o dia em que dentre nós foi arrebatado, um destes se torne conosco testemunha da sua ressurreição” (At 1, 21-22). Resta claro que o conteúdo principal da missão dos discípulos é o evento pascal, isto é, vida, missão, morte e ressurreição de Jesus.

O anúncio da ressurreição e do Ressuscitado gera um “conteúdo” missionário, que é proclamado pelos discípulos. A proclamação da ressurreição e do Ressuscitado alcança a outros que não conviveram diretamente com Jesus - a conversão de Lídia (At 16, 11-15), de Paulo (At 9, 1-30). Atos dos Apóstolos e as várias Cartas de Paulo dão testemunhos de acolhida do “anúncio” e de adesão a Jesus Cristo. Após sua conversão, o apóstolo Paulo se torna um dos mais vibrantes e eufóricos anunciadores do Ressuscitado e de sua mensagem (At 14, 1), bem como um dos mais intransigentes defensores dos colegas em missão,

---

<sup>20</sup>O profeta mencionado por Lucas, no relato, trata-se de Joel (Jl 3, 1-5), de quem transcreve literalmente o texto.

quando confrontados pelos poderosos a serviço do Império Romano. Importante ressaltar que o apóstolo Paulo, em viagens missionárias, se torna talvez o maior fundador de comunidades cristãs [Antioquia (At 11, 19-26), Salamina e Chipre, (At 13, 4-12), Icônio (At 14, 1-7), Tessalônica (At 17, 1-9), Corinto (At 18, 1-11)].

O anúncio da ressurreição e do Ressuscitado pelos(as) apóstolos(às) resulta em conversão de outros(as) de “nações pagãs” próximas e povos distantes de Jerusalém. Ao retornar a Jerusalém, Pedro se empenha na conversão de judeus e pagãos, para que aceitem a palavra de Deus (At 11, 1-18). Em viagem missionária por Salamina, Selêucia e Chipre, pessoas comuns e autoridades locais manifestam a Barnabé e Paulo “o desejo de ouvir a palavra de Deus” (At 13, 7). Timóteo, na companhia de Paulo e Silas, percorre a Síria e Cilícia, Derbe e Listra (At 15, 41; 16, 1). O testemunho, as reuniões nas comunidades e as pregações nas sinagogas atraíam a muitos ao seguimento de Jesus Cristo.

O anúncio da ressurreição e do Ressuscitado é fonte de alegria, mas pode atrair como consequência a morte pelo martírio. Por causa do “conteúdo” do que anunciavam, recaíam sobre os apóstolos inúmeras acusações falsas (At 6, 13-14), perseguições violentas eram impostas aos apóstolos, aos discípulos e aos membros das comunidades (At 8, 1), eram vistos com desconfiança, da qual foi vítima o próprio Saulo (At 9, 1-19). Esta crescente em violência poderia chegar até à morte pelo martírio. É o caso de Estevão, “cheio de graça e de poder, operava prodígios e sinais notáveis entre o povo” (At 6, 8). Após sua prisão injusta, Estevão recebeu a morte pelo martírio.

### **2.3 Anúncio do Evangelho como alegria para os cristãos**

O objeto da sessão é apresentar o anúncio do Evangelho como alegria para os cristãos. Entendemos que o anúncio do Evangelho pode produzir alegria tanto no(a) cristão(ã) que anuncia o Evangelho quanto no(a) cristão(ã) que recebe

o “conteúdo” do anúncio. Esse anúncio (do Evangelho) vem produzindo alegria, no decurso do tempo e em diferentes épocas e circunstâncias, mediante ação missionária dos(as) discípulos(as), dos(as) apóstolos(as), dos padres da Igreja, dos(as) missionários(as), dos clérigos, dos religiosos(as), dos(as) leigos(as).

Os discípulos de Jesus dão testemunho de que o anúncio do Evangelho, que é o próprio Jesus Cristo, o ressuscitado de Deus, promove alegria incontida. Em Lucas (15, 11-32), tem-se a narrativa do “pai cheio de misericórdia” ou do “do filho arrependido”, cujo retorno ao seio familiar resulta em encontro festivo. É o próprio quem registra este momento de alegria. O amor do pai (Deus), que não conhece limites, transborda para além dos(as) filhos/as (imediatos/as), e abraça a todos(as) que, em última instância, também são seus(as) filhos(as).

Pedro, a quem coube a coordenação dos(as) discípulos(as) após a morte de Jesus, depois de retomar os fatos envolvendo Jesus, em Jerusalém, exprime com alegria: “[...] como sabeis, esse homem [...], vós o entregastes e suprimistes, fazendo-o crucificar pelas mãos dos ímpios; mas Deus o ressuscitou, livrando-o das dores da morte, porque não era possível que a morte o retivesse em seu poder” (At 2, 22-24) e mais, “que toda a casa de Israel saiba com certeza: a esse Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo” (At 2, 36). O anúncio de Jesus, como ressuscitado de Deus, reconhecido e apontado como “Senhor e Cristo” é a fonte de alegria que move e inspira os discípulos em missão.

Em trecho da Carta de Paulo aos Filipenses, a importância do anúncio do Evangelho supera o desejo do encontro antecipado com o Senhor. Assim expressa o apóstolo de Cristo: “Estou preso neste dilema: sinto o desejo de partir e estar com Cristo, o que é muito preferível, mas permanecer neste mundo é mais necessário por causa vossa” (Fl. 1, 23-24). Com isto, Paulo não expressa o interesse pelo suicídio, mas a importância do anúncio do Evangelho para os membros da comunidade, que ainda titubeiam entre a fé em Cristo e o pecado. É o que exprime Paulo na sequência: Por isso estou convencido, sei que ficarei, que

permanecerei junto de todos vós, para o vosso progresso e a alegria de vossa fé [...] (Fl. 1, 25).

Passado o tempo do anúncio do Evangelho nas primeiras comunidades, a historiografia eclesial aponta os Padres da Igreja (representantes da Teologia Patrística e reconhecidos como pais da Igreja no Oriente e no Ocidente) como grandes defensores da fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo. O anúncio do Evangelho exige conversão, adesão a Jesus Cristo e à sua mensagem, bem como testemunho. Nomes como Clemente de Roma (†102), Papa de Roma (88 – 97), Santo Inácio de Antioquia (†110), São Policarpo de Esmira (†156), Pastor de Hermas (†160), São Hipólito de Roma (160 – 235), São Justino (†165), Atenágoras (†180), São Teófilo de Antioquia (†181), Orígenes de Alexandria (184 – 254), Santo Ireneu (†202), Tertuliano de Cartago (†220), São Clemente de Alexandria (†215), São Cipriano de Cartago (210-258), São Atanásio de Alexandria (295 -373), São Hilário de Poitiers – bispo (310 – 367), São Cirilo de Jerusalém, bispo (315 – 386), São Basílio Magno, bispo (330 – 369) – Cesaréia, São Gregório Nazianzeno – (330 – 379), bispo, São Ambrósio – (340 – 397), bispo, Treves – Itália, Eusébio de Cesaréia (340), São Gregório de Nissa (340), Prudêncio (384 – 405), São Jerônimo (348 – 420), São João Cassiano (360 – 407), São João Crisóstomo – (349 – 407), bispo, São Agostinho – (354 – 430), bispo, São Cirilo de Alexandria – (370 – 442), bispo, São Pedro Crisólogo – (380 – 451), bispo, Itália, São Leão Magno (400 – 461), papa de Roma – Toscana, Itália<sup>21</sup>, entre outros, testemunharam a fé em Cristo e, por vezes, sofreram a morte pelo martírio.

A propósito, uma experiência belíssima de conversão nos é dada por Santo Agostinho. Conversão como mortificação de si mesmo, de luta contra os próprios desejos, para realizar a vontade de Deus. Em “Confissões” (2004), Santo Agostinho, em Oração, nos fala de Deus como Beleza das belezas, Alegria das

---

<sup>21</sup>Relação de nomes apresentada pela Editora Cléofas. In: <https://cleofas.com.br/os-santos-padres-da-igreja/>. Acesso em 06.05.2022.

alegrias, Felicidade das felicidades, enfim, como o encontro com Deus traz regozijo à alma convertida. Assim escreveu:

*“Tarde Te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova. Tarde Te amei! Trinta anos estive longe de Deus, mas, durante esse tempo, algo se movia dentro do meu coração. Eu era inquieto, alguém que buscava a felicidade, buscava algo que não achava. Mas Tu Te compadeceste de mim e tudo mudou, porque Tu me deixaste conhecer-Te. Entrei no meu íntimo sob a Tua Guia e consegui, porque Tu Te fizeste meu auxílio”<sup>22</sup>.*

A conversão é um processo, não um ato isolado no tempo, e cuja profundidade é extraordinária. Ela resulta de uma escolha, escuta, obediência da pessoa que decide se [re]formar na graça. Trata-se de adesão ao Evangelho como Palavra que se fez carne (Jo 1, 1-18). A conversão é um desdobramento da alegria, alegria presente naquele que anuncia a Boa Nova e naquele que a acolhe, que é a acolhida do Cristo Ressuscitado em si, num ciclo virtuoso que o faz anunciador, por sua vez, do Cristo Redivivo.

O Evangelho de Jesus é "conteúdo" para o anúncio de inúmeros cristãos(as) que irão se colocar em missão. A um só tempo, Jesus, o Ressuscitado de Deus, se torna fonte de alegria para o(a) missionário(a) e para aquele(a) que recebe o anúncio. A missão é a condição para o anúncio. O(a) missionário(a) é o instrumento do anúncio, o portador da mensagem. São Francisco Xavier, São José de Anchieta, Padre Antônio Vieira, Padre Manoel da Nóbrega, Dorothy Stang, entre milhares de outros(as), por motivações diferentes, mas identificados(as) pelo desejo de evangelizar, deixaram familiares, parentes, amigos, sua pátria, para a realização do desejo de estar com Cristo, contribuir com a construção de mundo melhor, promover a Justiça Social, combater as desigualdades, denunciar todas as formas de violência e testemunhar o Evangelho como fonte de alegria também para outras pessoas e outros povos.

Ao longo da história da Igreja, as comunidades eclesiais, por meio de suas atividades pastorais e celebrações, têm sido o lugar, por excelência, da vivência do anúncio do Evangelho como fonte e promoção de alegria. Em tempos

---

<sup>22</sup>Santo Agostinho. **Confissões**. (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultural, 2004, p. 10, 27-29.

mais recentes, especialmente na América Latina, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), como comunidades eclesiais missionárias, foram responsáveis pela injeção de ânimo e pelo sopro de novos ares na Igreja do Continente, onde a promoção da Justiça e o enfrentamento das desigualdades levaram até a morte pelo martírio, não raro, celebrada como alegria - sem, com isto, entender e reduzir o alcance da perda, da dor, do sofrimento, da ausência e da morte.

Por meio de Cartas Apostólicas e Encíclicas, o Papa Francisco exorta às comunidades eclesiais para que sejam missionárias, de si mesmas e do mundo, mediante o testemunho e o anúncio do Evangelho como Boa Notícia para os povos. Sem abrir mão do essencial, as comunidades eclesiais são instigadas a agregar novos elementos ao anúncio do Evangelho, tais como a promoção da fraternidade (*Fratelli tutti*, 2020), o cuidado de nossa casa comum (*Laudato Si*, 2015), o anúncio do Evangelho no mundo atual (*Evangelii Gaudium*, 2013) e a alegria do amor (*Amoris laetitia*, 2016).

Importante ressaltar que a alegria do anúncio do Evangelho é vivida em todo o seu esplendor nas comunidades eclesiais, como comunidades locais, onde o Evangelho é refletido, compartilhado, celebrado e de onde ele é propagado. O Evangelho e o seu anúncio, convém frisar, representam demandas em exigências missionárias para as comunidades, mas são sobretudo fontes de sua alegria. Por meio de orações, adorações, celebrações, o anúncio do Evangelho se faz alegria, os fiéis cantam os seus louvores dando glória e graça ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo (dimensão trinitária), pela fé que nos torna filhos(as) e irmãos(ãs) uns dos(as) outros(as). É alegria que extrapola (e precisa extrapolar sempre) os limites físicos e geográficos das comunidades eclesiais, pois chamadas à missão de anunciadoras permanentes do Evangelho, como fonte de alegria e amor.

## CAPÍTULO III

### 3. ALEGRIA NA MISSÃO DE ANUNCIAR O EVANGELHO

O objetivo do capítulo é apresentar a *diakonia* como *médium* (mediação, meio, instrumento) que se coloca a serviço do anúncio da Palavra (isto é, do Evangelho), por meio do qual os(as) discípulos(as) fazem novos(as) discípulos(as) e, dada a radicalidade com que este compromisso é assumido, enfrentam consequências que vão desde uma mera divergência de ponto de vista no seio da comunidade eclesial à morte pelo martírio.

#### 3.1 *Diakonia*, Anúncio e Palavra (Evangelho)

O objetivo da seção é estabelecer a relação entre *diakonia*, anúncio e Palavra, entendida como Evangelho. *Diakonia* é a mediação para o anúncio da Palavra de Deus. Em sentido amplo, *diakonia* significa servir, ministrar, administrar, distribuir ou cuidar das necessidades dos(as) outros(as). O anunciador (isto é, o diácono, o missionário, o semeador da Palavra) se coloca como instrumento de uma Palavra sempre viva, dinâmica e vivificante.

A *diakonia* surge como uma necessidade das primeiras comunidades em sua vida cotidiana. Verificou-se, já no processo de formação destas comunidades, que a missão do discípulo/apóstolo, para ser realizada de forma efetiva, demandava a *diakonia* para o serviço de organização da comunidade.

“Naqueles dias, aumentando o número dos discípulos, surgiram murmurações dos helenistas contra os hebreus. Isto porque, diziam aqueles, suas viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Os Doze convocaram então a multidão dos discípulos e disseram: ‘Não é conveniente que abandonemos a Palavra de Deus para servir às mesas. Procurai, antes, entre vós, irmãos, sete homens de boa reputação, repletos do Espírito e de sabedoria, e nós os encarregaremos desta tarefa. Quanto a nós, permaneceremos assíduos à oração e ao ministério

da Palavra'. A proposta agradou a toda a multidão. E escolheram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, Filipe, Prócoro, Nicanor, Timon, Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia. Apresentaram-nos aos apóstolos e, tendo orado, impuseram-lhes as mãos. E a palavra do Senhor crescia [...]" (At 6 1-7).

Constata-se, pois, que *diakonia* é vocação, entre outras, que mereceu o seu lugar de registro em textos bíblicos. Ao menos dois outros relatos aparecem nas Sagradas Escrituras (1Tm 3, 8-13; Fl 1, 1-2). Em Carta de Paulo a Timóteo, após a apresentação do perfil vocacional do "episcopo", lê-se:

"Os diáconos igualmente devem ser respeitáveis, de uma só palavra, não inclinados ao vinho, sem cobiçar lucros vergonhosos, conservando o mistério da fé com uma consciência limpa. Também estes sejam primeiramente experimentados e, em seguida, se forem irrepreensíveis, sejam admitidos na função de diáconos" (1Tm 3, 8-10).

A comunidade deveria, entre outras coisas, ser criteriosa quanto ao perfil do candidato ao diaconato, cuidando para não apartar, discriminar, nem marginalizar membros (cf. Rm. 2, 11), mas tendo em vista a exigência da missão. Em processo de escolha, Paulo instrui ao seu discípulo Timóteo: "Que os diáconos sejam esposos de uma única mulher, governando bem os seus filhos e a sua própria casa. Pois aqueles que exercem bem o diaconato conquistam para si mesmos um posto de honra, bem como muita intrepidez fundada na fé em Cristo Jesus" (1Tm 3, 12-13). Mais do que a honra ou o lugar de distinção entre os demais membros da comunidade, o exercício do diaconato demandava (e ainda demanda) testemunho de fé em Cristo.

Nos primeiros séculos da Igreja e, muito provavelmente, desde a fundação de muitas comunidades cristãs, a *diakonia* se faz presente ao lado de outras vocações para o serviço das comunidades. Em Carta de Paulo aos Filipenses, encontramos o seguinte registro: "Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus, a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos, com os seus episcopos e diáconos: a vós graça e paz da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo" (Fl 1,1-2). Trata-se de uma apresentação, mas também uma oração de saudação e acolhida de todos, antes de instruir propriamente a comunidade.

Há várias passagens nos textos bíblicos que registram a *diakonia* como serviço. Inicialmente, os diáconos foram, portanto, escolhidos para “servir à mesa”, o que significava servir à comunidade em suas demandas cotidianas, liberando os discípulos para a “proclamação” da Palavra (At. 6, 1-7). Em termos práticos e de necessidade imediata, ao assumirem o serviço da comunidade, os diáconos dispensavam os discípulos para o anúncio da Palavra, isto é, o anúncio do Cristo Ressuscitado e de seus feitos.

Além da dimensão prática do serviço, há outros modos de servir que foram sendo incluídos na *diakonia*. No Evangelho de Mateus temos: “Com isso, o diabo o deixou. E os anjos de Deus se aproximaram e puseram-se a servi-lo” (Mt. 4, 11). Uma vez mais, escreve Mateus: “Logo tocou-lhe a mão e a febre a deixou. Ela se levantou e pôs-se a servi-lo” (Mt. 8, 15). Em Lucas, a *diakonia* se exerce no servir a mesa: “Pois, qual é o maior: o que está à mesa, ou aquele que serve? Não é aquele que está à mesa? Eu, porém, estou no meio de vós como aquele que serve” (Lc. 22, 27). A acolhida também se coloca no quadro de atendimento da *diakonia*. Escreveu João: “Ofereceram-lhe aí um jantar; Marta servia e Lázaro era um dos que estavam à mesa com Ele” (Jo. 12, 2). Importante frisar que o exercício da *diakonia* não deve ser percebido como monopólio de ninguém.

Muito mais do que um lugar na hierarquia da Igreja, o diaconato (transitório ou permanente) é, por excelência, o exercício do anúncio da Palavra, mas também do que decorre deste anúncio e que compromete igualmente o diácono em sua missão, tais como: a caridade, a acolhida fraterna, a mediação entre os(as) leigos(as) e as outras instâncias da hierarquia, o dinamismo do corpo eclesial, a promoção da justiça, a denúncia das injustiças, o combate a todas as formas de violência (física, psíquica, econômica, moral, sexual, cor, raça, gênero).

Na tradição da Igreja Católica, a *diakonia* se encontra sob a supervisão direta do bispo de determinada diocese. Antigo texto, presente na *Didascalia Apostolorum*, recomenda que o “diácono seja o ouvido e a boca do Bispo, o seu

coração e a sua alma”<sup>23</sup>. Contudo, o serviço de inspiração bíblica permanece sendo exercido em favor da comunidade eclesial, pois os pilares da vocação diaconal são o servidor da Palavra e a prática da caridade. É a necessidade da Igreja, isto é, o anúncio da Palavra (Evangelho) e a demanda social (exercício da caridade) que justificam a *diakonia* para o bem e o serviço da Igreja.

A *diakonia* na Igreja tem dupla dimensão: *ad intra* e *ad extra*. O diácono serve à Igreja (*ad intra*) em suas demandas próprias (organização, administração, gestão, assessoria eclesial, coordenação pastoral etc.), mas é chamado a servir também à sociedade (*ad extra*). O serviço do Evangelho, qual seja, o anúncio da Palavra, coaduna vocação e missão, e resulta no compromisso do diácono com a Igreja e com a comunidade em que vive.

Importante ressaltar ainda os três âmbitos do ministério diaconal: o ministério da palavra, o serviço do altar e a prática da caridade. A propósito, disse o Papa Francisco no “*Encontro com os Membros da Cúria Romana para a Apresentação dos Votos Natalícios*”(2017): “o ministério da Palavra conduz ao ministério do altar, o qual, por sua vez, leva a traduzir a liturgia na vida, que desemboca na caridade”. E baseado no texto da *Didascalia Apostolorum*, acima citado, acrescenta: “Creio que não é casual o fato de o ouvido ser o órgão da audição, mas também do equilíbrio; e a boca, o órgão para provar mas também para falar”<sup>24</sup>. A vocação diaconal, em exercício na Igreja, se presta ao bem e ao serviço da humanidade.

A *diakonia* é, por suposto, função exercida pelo diácono. Na estrutura hierárquica, diácono é o ministro da Igreja que recebeu o primeiro grau do sacramento da Ordem. Diácono permanente diz-se de quem é ordenado para exercer estavelmente apenas a Ordem do diaconato; diácono transitório diz-se

---

<sup>23</sup>*Didascalia Apostolorum* (Didascália dos Apóstolos ou Católica Doutrina dos Doze Apóstolos) 2, 44 (1964). In: [http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/didascalia\\_dos\\_apostolos.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/didascalia_dos_apostolos.html). 1964, p. 39-60. Acesso em 15.05.2022.

<sup>24</sup>PAPA FRANCISCO (2017). Encontro com os membros da cúria romana para a apresentação dos votos natalícios. **Discurso do Papa Francisco**. In: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco\\_20171221\\_curia-romana.html#\\_ftn7](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco_20171221_curia-romana.html#_ftn7), 2017. Acesso em 18.05.2022.

daquele que é ordenado com a intenção de ser promovido à Ordem sucessora do presbiterado. São vocações destinadas ao serviço da Palavra e ao exercício da caridade fraterna.

Nas prescrições da Igreja, em particular no *Código de Direito Canônico* (CDC), o diácono é apresentado como “servo do povo de Deus”. Contudo, sobressai a orientação de que sua missão deve ser exercida em comunhão com o bispo e demais clérigos (CDC, 910). Assim estabelece o CDC:

“É próprio dos presbíteros, que são cooperadores dos Bispos, anunciar o Evangelho de Deus; têm principalmente esta obrigação, relativamente ao povo que lhes está confiado, os párocos e os demais que têm cura de almas; é também dever dos diáconos servir o povo de Deus no ministério da palavra, em comunhão com o Bispo e o seu presbitério” (CDC, 757).

No âmbito do ministério da Palavra, o CDC firma o entendimento de que “entre as várias formas de pregação sobressai a homilia, que é parte da própria liturgia e se reserva ao sacerdote ou diácono; exponham-se nela, no decorrer do ano litúrgico, e a partir do texto sagrado, os mistérios da fé e as normas da vida cristã” (CDC, 767). A Palavra é vivificante, restauradora, renovadora, desestabilizadora, instigante etc. O ministério da Palavra supõe a pregação do Evangelho, mas também sua interpretação, meditação, contemplação, atualização, e acolhida em si mesmo do que anuncia.

A Palavra (o Evangelho de Deus) é fonte de alegria. Convém frisar que essa mesma Palavra expõe o seu anunciador a série de desafios, os quais exigem respostas precisas e eficientes, por vezes, imediatas, por vezes, a longo prazo. O entendimento da Palavra (isto é, de sua vontade) ajuda no enfrentamento dos desafios e na compreensão dos passos a serem dados, até a construção da solução. À semelhança de um peregrino, a alegria do anúncio do Evangelho se vive neste longo caminho que é a vida cotidiana.

Como anunciador, a alegria do anúncio do Evangelho decorre da sua proclamação na comunidade eclesial, como partícipe do seu dinamismo e de suas contradições. A Palavra de Deus produz alegria em quem com ela tenha contato, especialmente, no cotidiano, na vida em comunidade. O Estudo (acadêmico ou

não), a meditação, a contemplação (entre outros métodos de oração), baseados todos na Palavra, nos permitem uma orientação à própria vida e uma interpretação mais alinhada aos anseios da comunidade. A Palavra, por sua força e vontade, nos possibilita ainda falar ao coração, mais do que ao entendimento. Espera-se que a Palavra sirva primeiro ao seu anunciador, transforme o seu portador em um ser humano permeável, sensível, acolhedor, misericordioso, solidário e orientador, tal como é e faz a Palavra.

A alegria do anúncio do Evangelho não é privilégio de quem o proclama, mas um desafio colossal para quem se coloca como o seu anunciador. Isto porque a Palavra que produz alegria só produz alegria porque plantada com amor. Assim entendida, a Palavra tem vontade e poder, e manifesta o interesse de universalidade, não quer ser enclausurada, mas semeada, com o auxílio e a força dos ventos, para que atinja até os (“solos”) mais distantes, onde também pretende germinar e dar frutos. A alegria do anúncio do Evangelho deve ser alegria a ser compartilhada com a humanidade. O Evangelho de Deus é a imensurável alegria dos povos, pois se encarnou como promessa de Salvação a todos.

Além de sua participação decisiva no ministério da Palavra, o diácono contribui com a realização de outros sacramentos. No esforço de cooperação, o diácono é ministro ordinário do Batismo, com o Bispo e o presbítero (CDC, 861). Ao celebrar o Batismo, o diácono é instrumento do Espírito Santo, introduz novo membro na comunidade de fiéis, se torna mediador da alegria ao promover novo vínculo entre a criatura e o Criador, por Jesus Cristo, o Ressuscitado de Deus.

Nos anos 1960, o ministério diaconal foi sistematizado pelo Vaticano II sob a tríade da *diakonia* (palavra, liturgia e caridade), assim exprimindo a participação diaconal no único e tríplice *múnus* de Cristo neste ministério ordenado. Este servo se faz mestre, dentro daquilo que proclama e esclarece, ou seja, a palavra de Deus. Com alegria santifica enquanto está administrando os sacramentos do Batismo, e na preparação do sacrifício da Eucaristia assim como nos sacramentais, participando ativamente dentro da celebração da Santa missa, com vestimentas próprias do ministério (CDC, 929), conservando e distribuindo a

Eucaristia. Assim o diácono anima a comunidade eclesial, assistindo e servindo a cada liturgia àqueles que a presidem, além de permanecer vigilante à doutrina. Em suma: guia o Povo de Deus juntamente com o bispo e o presbítero.

A *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil* (CNBB), preocupada com a formação dos diáconos permanentes, considera que “a formação dos diáconos, como aliás a dos outros ministros e a de todos os batizados, é uma obrigação que compromete toda a Igreja”<sup>25</sup>. Entre as principais iniciativas visando a qualificação dos mesmos, a CNBB sugere que as Dioceses tenham “Escolas Diaconais”, por meio das quais espera-se aprofundar as dimensões humano-afetiva, eclesial-comunitária, intelectual, espiritual e pastoral dos postulantes ao diaconato<sup>26</sup> (n<sup>os</sup>. 148-183 ou p. 68-81). Quanto ao perfil dos candidatos, a entidade espera que sejam “homens de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria” (At. 6, 3) e que “continuem contribuindo, através de seu ministério e testemunho de vida, para que Jesus Cristo seja reconhecido e amado especialmente nos irmãos e irmãs que mais necessitam”<sup>27</sup>.

Em síntese, *diakonia* é, em perspectiva eclesiástica, o serviço da Palavra, do altar e da caridade. São, na verdade, três frentes de serviço. Entre essas três frentes, não deve haver a concorrência entre elas nem sequer a falsa percepção de que uma seja mais relevante do que outra. Para tanto, o diácono deve ser preparado para o exercício desta missão. A comunidade eclesial acolhe, com alegria, generosidade e benevolência, o enviado de Deus para o seu cuidado e zelo na fé. Em comunhão com o bispo e o clérigo local, o diácono se coloca como colaborador indispensável na missão de evangelização da Igreja pela palavra, pelos serviço e testemunho.

---

<sup>25</sup>CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes. Diretório do Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes. São Paulo: Paulinas, 2008, n. 18, p. 39.

<sup>26</sup>*ibidem*. Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil. Formação, Vida e Ministério. (Documentos da CNBB, N<sup>o</sup> 96). São Paulo: Paulinas, 2016, n. 148-183; p. 68-81.

<sup>27</sup>*idem*. p, 11.

### **3.2 O Anúncio (do Evangelho) que faz novos discípulos**

O objetivo aqui é enfatizar que o anúncio do Evangelho faz novos(as) discípulos(as), embora não seja este o seu único propósito. Isto porque o anúncio do Evangelho também tem por finalidade manter e avivar os crentes na fé, no serviço e na caridade, de modo que o anúncio é direcionado aos membros da comunidade eclesial e aos que ainda não foram alcançados pela Palavra (“sujeitos” da evangelização e razão da ação missionária).

Findo o tempo de “vida oculta”, Jesus, o Evangelho de Deus, escolhe os(as) seus(as) discípulos(as). Com este gesto, verifica-se que o Evangelho de Deus constitui, para o seguimento, os(as) seus(suas) primeiros(as) discípulos(as) (Mt. 4, 18-22; Mc. 1, 16-20; Lc. 5, 1-11). Assim narra Mateus: “Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galiléia proclamando o Evangelho de Deus: ‘Cumpriu-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e credes no Evangelho’” (Mc. 1,14-15). O chamado é para conviver com Jesus, o Evangelho de Deus, mas sobretudo para anunciá-lo como Reino de Deus, Reino de Amor, Reino de Compaixão, Reino de Alegria, Reino de Justiça, iminente. Por essa razão, Jesus faz apelo de conversão: “arrependei-vos” para que creiam no Evangelho. Acolher o chamamento de Jesus é, em última instância, seguir o Evangelho de Deus.

Em missão de anúncio do Reino de Deus, Jesus não se limita a chamar os doze discípulos. O convite ao seguimento do Evangelho de Deus é estendido a todos (as). “Vinde a mim todos os que estais cansados sob o peso do vosso fardo e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vossas almas, pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mt. 11,28-30). Adverte Jesus não haver privilegiados(as) no Reino de Deus, mas preferência pelos mais pobres, “cansados”, humildes, largados à margem, encarcerados, doentes, feridos, pecadores etc.

Convém registrar que, por força do próprio Evangelho, mediante seguimento, os apóstolos do Evangelho fazem novos(as) discípulos(as). É para isso que foram enviados: “Ide, pois; de todas as nações fazei discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a guardar tudo o que vos ordenei” (Mt. 28, 19-20a). Em missão de anúncio do Evangelho, Paulo e Barnabé fazem novos(as) discípulos(as). “Era preciso que a vós primeiro fosse dirigida a palavra de Deus. Uma vez, porém, que a rejeitais e julgais a vós mesmos indignos da vida eterna, nós nos voltamos para os gentios. Ouvindo isto, os gentios se alegravam e glorificavam a palavra do Senhor, e todos os que eram destinados à vida eterna abraçaram a fé” (At. 13, 46; 48).

Nas primeiras décadas e mesmo nos primeiros séculos do Cristianismo, o anúncio do Evangelho era dirigido prioritariamente aos de fora (judeus e gentios). Em termos numéricos, no princípio, poucos eram, naturalmente, cristãos - seguidores de Jesus Cristo, o Evangelho de Deus. Assim, o conhecimento do Evangelho demandava o seu anúncio “aos estranhos”, isto é, os que apenas ouviram falar de Jesus e aos que sequer ouviram falar d’Ele. Entende-se que o conhecimento de Jesus, mediante adesão pela fé, condição fundamental para o seu seguimento, requeria (e requer) acesso ao Evangelho pelo anúncio.

Em missão de anúncio e de testemunho do Evangelho, Pedro realiza o batismo dos primeiros gentios próximos à Jerusalém.

“Pedro estava ainda falando estas coisas, quando o Espírito Santo caiu sobre todos os que ouviam a Palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que tinham vindo com Pedro, ficaram estupefatos de verem que também sobre os gentios se derramara o dom do Espírito Santo, pois ouviam-nos falar em línguas e engrandecer a Deus. Então disse Pedro: ‘Poderia alguém recusar a água do batismo para estes, que receberam o Espírito Santo assim como nós?’ E determinou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo” (Atos 10, 44-48).

O apóstolo Paulo, em missão de anúncio do Evangelho, justifica assim o que anuncia: “[...] irmãos: este Evangelho que vos anunciei não é inspiração humana; e aliás não é por um homem que ele me foi transmitido ou ensinado, mas por uma revelação de Jesus Cristo” (Gl. 1, 11-12). Aos ouvintes (e também aos seus leitores), Paulo deixa claro que o que anuncia não é um relato

(meramente) histórico, muito menos literário, mas o Evangelho que Ihe foi revelado pelo próprio Cristo.

A missão do apóstolo Paulo é anunciar o Evangelho de Cristo. Junto aos Gálatas, Paulo lhes anuncia o Evangelho e lhes dá o seguinte testemunho:

“Pois vós ouvistes falar do meu procedimento, outrora, no judaísmo: com que arrebatamento eu persegui a igreja de Deus e procurava destruí-la; eu progredia no judaísmo, ultrapassando a maioria dos da minha idade e da minha raça por meu zelo transbordante pelas tradições dos meus pais. Mas quando Aquele que me pôs à parte desde o seio de minha mãe e me chamou por sua graça houve por bem revelar em mim o seu Filho, a fim de que eu o anuncie entre os pagãos, imediatamente, sem recorrer a nenhum conselho humano, nem subir a Jerusalém para junto daqueles que eram apóstolos antes de mim, parti para a Arábia, depois voltei a Damasco” (Gl. 13-17).

Escritor de muitas Cartas às primeiras comunidades cristãs, Paulo não é, certamente, o primeiro convertido ao seguimento de Jesus Cristo, o ressuscitado de Deus, vencedor da morte e do pecado, mas é inegavelmente um dos primeiros a engajar-se com denodo no anúncio do Evangelho de Cristo, Senhor e Salvador. A entrega do apóstolo ao anúncio do Evangelho é singular e radical, e o seu testemunho, de vida no Evangelho, é capaz de levar outros(as) a aderirem à fé e ao seguimento de Jesus Cristo.

A adesão ao discipulado de Jesus pode gerar desconfiança, receios e até resultar em martírio. (At. 7,59-60; 12,1-2). O próprio apóstolo Paulo foi vítima desta desconfiança, e não sem razão. Em versículo dos Atos dos Apóstolos, lê-se: “Chegando a Jerusalém, Saulo procurava agregar-se aos discípulos; mas todos tinham medo dele, não conseguindo acreditar que fosse verdadeiramente discípulo” (At. 9, 26). O passado de Saulo o comprometia: foi praticante fervoroso do judaísmo e, na condição de soldado romano, perseguidor dos cristãos e das comunidades ao redor de Jerusalém.

Por meio do discipulado, espera-se que o discípulo tenha a habilidade de atrair, agregar, congregar novos discípulos. Colocar-se no grupo dos discípulos pressupõe adesão ou conversão à fé em Cristo. Há, no entanto, uma dimensão comunitária no discipulado, que exige que o discípulo seja acolhido e reconhecido

como parte do “colegiado”. Lucas faz o seguinte registro da experiência de Saulo: “Barnabé tomou-o [Saulo] então consigo, introduziu-o junto aos apóstolos, e lhes contou como, no caminho, ele vira o Senhor, que lhe falara, e como, em Damasco, ele se tinha expressado com firmeza em nome de Jesus” (At. 9, 27). Uma vez irmanado, o discípulo se torna parte do corpo eclesial que vive, celebra e testemunha o Ressuscitado.

Importante ressaltar que a experiência das mulheres no discipulado de Jesus é capaz de fazer novos(as) discípulos(as), sobretudo, por meio do testemunho. Maria, mãe de Jesus, Maria Madalena, Maria, irmã de Lázaro, são discípulas que fazem novos(as) discípulos(as). Maria, mãe de Jesus, segue-o por toda a vida, até a morte na Cruz. Maria Madalena segue Jesus desde o primeiro encontro, da libertação “dos demônios” aos laços de afeto. Maria, irmã de Lázaro, se mantém unida à Jesus por meio da força da amizade.

Merece registro ainda, entre muitos outros exemplos, os discipulados de Tabita e Febe, mulheres que receberam a qualificação de discípulas em texto bíblico. Assim narra Lucas em Atos dos Apóstolos: “Havia em Jope uma mulher que era discípula; chamava-se Tabita [...]. Era rica em boas obras e em esmolas” (At. 9, 36). Com gratidão, reconhecimento e afeto, Paulo orienta a Timóteo, e aos seus companheiros de viagem, que: “Eu vos recomendo Febe, nossa irmã, diaconisa da Igreja de Cencreia, para que a recebais no Senhor de modo digno, como convém a santos, e a assistais em tudo o que ela de vós precisar, porque também ela ajudou a muitos, a mim inclusive” (Rm. 16, 1-2). O silêncio imposto às mulheres nos textos bíblicos, entretanto, não são fortes o bastante para que não falem, pois suas expressões, inclusive discursivas, nos chegam pelo serviço, amizade, generosidade e acolhida, testemunho de humildade, grandeza de alma, parcimônia e equilíbrio, obras assistenciais, prática da caridade etc.

O Pentecostes em Jerusalém (At. 2, 1-13) é sinal de que o Espírito Santo atua em prol do anúncio do Evangelho. Tendo descido sobre cada um deles o Espírito de Deus, “como línguas de fogo”, “todos ficaram repletos do Espírito Santo, e se puseram a falar outras línguas”. “Perplexos e maravilhados, eles

diziam [...]: nós os ouvimos anunciar em nossas línguas as maravilhas de Deus” (At. 2, 3-4; 11). O Pentecostes marca o início da missão apostólica da Igreja. A comunidade original em Jerusalém consistia dos apóstolos, seguidores de Cristo (discípulos) e recém-convertidos ao cristianismo.

Nos primeiros séculos da era cristã, os Padres da Igreja, também chamados de “Pais da Igreja”, mediante debates, contendas e Concílios fizeram a defesa do Evangelho, no esforço de manter e propagar a fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo. A promoção do Evangelho, sobretudo pelo testemunho, no contexto de Igrejas em processo de consolidação e, por vezes, ainda em formação, faz novos membros para a Igreja e novos discípulos para o seguimento de Jesus Cristo. A hagiografia registra, por exemplo, a influência decisiva das homilias de Santo Ambrósio - destacado bispo do Império romano em decadência - no processo de conversão de Santo Agostinho.

Dos apóstolos fundadores de comunidades cristãs, passando pelos Padres da Igreja até chegar aos clérigos medievais (Séc. III-XIV), o esforço de todos se concentrava no anúncio do Evangelho, apresentado como fonte de alegria verdadeira, acessada por meio da adesão à fé em Jesus Cristo, lembrado como vítima do antigo Império Romano. Assim foi Jesus apresentado pelas Teologias Patrística e Escolástica.

Passados dois milênios, os(as) novos(as) discípulos(as) de Jesus são reconhecidos(as) como missionários(as). Esses(as) deixam os seus países de origem e transpõem fronteiras, mares e oceanos, para acessarem outros continentes e outros povos, no afã de fazerem novos(as) discípulos(as) para o Evangelho de Jesus Cristo. Os missionários da era moderna viajaram pelo mundo proclamando o Evangelho e apresentando Jesus Cristo como Senhor e Salvador, a propósito, como o único Salvador e Senhor, caminho de salvação, vida plena e eterna. A vida eterna só se encontra e se vive em Jesus Cristo.

No decurso de sua história, a Igreja é, tal como representada na *Lumen Gentium* (LG, 39), documento fundamental do *Concílio Vaticano II* (1962-1965), uma imagem do ser humano, sendo Cristo a cabeça. Essa percepção da Igreja na

sua relação com Cristo é encontrada em Carta de Paulo aos Colossenses, onde se lê: “Tudo foi criado por ele e para ele, e ele existe antes de tudo; tudo nele se mantém, e ele é a cabeça do corpo, que é a Igreja” (Col. 1,16-18). Ou ainda como escreve o apóstolo aos Coríntios: “Ora, vós sois o corpo de Cristo, e sois os seus membros, cada um no que lhe cabe. E os que Deus dispôs na Igreja são, primeiro apóstolos, segundo profetas, terceiro homens encarregados do ensino [...]” (1Cor.12,27- 28a). O Concílio Vaticano II marcou profundamente a história da Igreja na América Latina que, por meio da *Teologia da Libertação* e das *Comunidades Eclesiais de Base* (CEBs), assumiu a radicalidade do Evangelho, de modo a ser reconhecida como “a Igreja dos mártires”.

Neste contexto, extremamente desafiador para a Igreja e suas lideranças, em todo o mundo, mas particularmente na América Latina, a *diakonia* se reencontra com a história. Sendo um dos desdobramentos do Vaticano II, Concílio essencialmente pastoral e eclesial, convém sublinhar que:

“O Concílio Vaticano II (LG, 29) restaurou o diaconado como grau próprio e permanente da hierarquia e estabeleceu condições teológico-pastorais favoráveis para que esse ministério pudesse desenvolver-se plenamente. Entre tais condições ressaltam-se: a eclesiologia de comunhão e participação; a teologia da diversidade dos carismas e ministérios; o poder como serviço; além da própria necessidade pastoral”<sup>28</sup>.

A restituição da *diakonia* na Igreja se justifica pelo resgate da vocação em si mesma, mas sobretudo pelas dimensões do serviço da palavra, do altar e da caridade. O diácono é discípulo da Palavra que ele mesmo anuncia. No discipulado, não devemos esquecer que o trabalho missionário é uma missão permanente da Igreja, que deve se expressar também pelo testemunho. Desde a sua fundação, a Igreja de Cristo busca ouvir, de forma sempre nova, os ensinamentos de Jesus, atualizar sua missão frente aos novos desafios e renovar seu compromisso com o Evangelho de Cristo. Somos discípulos de Jesus Cristo com a missão de promover o Evangelho de Deus, como Reino de justiça, paz, amor, misericórdia, fraternidade etc. Somos discípulos(as) do Evangelho na Igreja

---

<sup>28</sup>CNBB (Conferência dos Bispos do Brasil). Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil. Formação, Vida e Ministério. (Documentos da CNBB, Nº 96). São Paulo: Paulinas, 2016, n. 4; p. 15.

Samaritana<sup>29</sup>, impelida a ser solidária, fraterna, cuidadosa, compassiva, curativa de todas as formas de feridas.

Importante ressaltar que a *diakonia* na “Igreja em saída” tem, entre outros objetivos, fazer novos(as) discípulos (as) pelo anúncio do Evangelho, assim como pelo testemunho que decorre do serviço do altar e da prática da caridade. A *diakonia* é serviço, mas também ação profética. Por isso, o ministério da *diakonia* deve ser iluminado e guiado sempre pela palavra de Deus, de modo que qualquer estrutura geradora de caos, desordem, injustiças, infelicidade, sofrimento deva ser desconstruída e/ou transformada em fonte de alegria, serenidade, felicidade, vida, justiça e amor. Assim assumida, a *diakonia* se constitui em instrumento de transformação da realidade, ferramenta em mãos do Senhor, serviço capaz de dar resposta a toda situação que desumaniza. Por isso, o serviço da *diakonia* não deve parar no mero assistencialismo (que, por vezes, é necessário e indispensável para socorrer a pessoa ou a família que se encontra em situação de extrema vulnerabilidade), porém, que almeje os desafios da prática da caridade, da promoção da dignidade da pessoa humana e da Justiça social, a defesa, a garantia e a salvaguarda dos direitos, sobretudo dos direitos humanos e fundamentais. É preciso estreitar sempre mais a relação entre o Evangelho anunciado e a prática como esperança do bem anunciado, que se espera ainda seja realizado.

### **3.3 Desdobramentos e consequências do Anúncio do Evangelho**

O objetivo dessa seção é abordar os desdobramentos, bem como algumas das consequências decorrentes do anúncio da Palavra (isto é, do Evangelho de Deus). Impossível ocultar e mensurar os desafios que se põem no caminho daquele(a) que se coloca como anunciador(a) do Evangelho. O Evangelho é “uma arma de combate”. O(a) discípulo(a), o(a) apóstolo(a), o

---

<sup>29</sup>PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no Mundo atual. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013; \_\_\_\_\_. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a Fraternidade e a Amizade Social. (Documentos Pontifícios - 44). Brasília: Edições CNBB, 2020.

diácono, a diaconisa, os(as) missionários(as) são combatentes do Evangelho. Todo aquele que ouve pela primeira vez o Evangelho, pode (não necessariamente) optar por resistir ao seu apelo de conversão, adesão e compromisso, dada sua exigência em mudança de vida.

O anúncio do Evangelho promove o encontro de pessoas para formar comunidades em Cristo. Em torno do Evangelho, a união das pessoas é o que se espera, mas as divergências de ideias e comportamentos são inevitáveis. Cada pessoa é um universo de ideias com infinitas possibilidades de reações. O Evangelho permite pensar diferente, admite assumir trajetórias compatíveis com a história daquele(a) que se dispõe a anunciá-Lo, só não sustenta a diferença e a projeção de projetos individuais. Embora tentados na Igreja, os projetos individuais não prosperam, nem edificam a comunidade, quando confrontados com o Evangelho e sua exigência de comunhão.

Há séculos, o cristianismo vem sendo desafiado pelo “mundanismo” que, segundo o Papa Francisco, se alimenta do gnosticismo e do neopelagianismo. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* lê-se:

“Este mundanismo pode alimentar-se sobretudo de duas maneiras profundamente relacionadas. Uma delas é o fascínio do gnosticismo, uma fé fechada no subjectivismo, onde apenas interessa uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam e iluminam, mas, em última instância, a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos. A outra maneira é o neopelagianismo auto-referencial e prometeu de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado. É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, onde, em vez de evangelizar, se analisam e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar. Em ambos os casos, nem Jesus Cristo nem os outros interessam verdadeiramente. São manifestações dum imanentismo antropocêntrico. Não é possível imaginar que, destas formas desvirtuadas do cristianismo, possa brotar um autêntico dinamismo evangelizador” (EG, 94).

Aquele(a) que se dispõe a anunciar o Evangelho é desafiado, portanto, pelo apelo à descrença (que exclui a possibilidade de crença em um ser Criador) e pelo apelo à crença radical no próprio indivíduo (que exclui a possibilidade de

crença em ser transcendente). O mundo humano é absoluto, satisfaz-se a si mesmo. O Evangelho, por sua vez, quer manter ligado o mundo humano ao ambiente de Deus, quer manter unido o coração humano ao coração de Deus. Para tanto, impõe-se ao anunciador do Evangelho combater o mundanismo e promover o anúncio do Ressuscitado como “inteligência” e amor de Deus.

O anunciador do Evangelho sofre perseguições de natureza diversa e por diferentes motivos. Importante destacar que, antes mesmo do anunciador do Evangelho sofrer perseguições por causa do Evangelho, o próprio Evangelho é perseguido. Convém recordar que Jesus, Evangelho de Deus, é perseguido desde o nascimento. Em texto de Mateus, lê-se: “Depois da partida deles [os magos], eis que o Anjo do Senhor aparece em sonho a José e lhe diz: “Levanta-te, toma consigo o menino e sua mãe, e foge para o Egito; fica ali até nova ordem, pois Herodes vai procurar o menino para o matar” (Mt. 2, 13). Além de perseguido, o Evangelho de Deus é caluniado, negado, traído, preso, injustiçado, humilhado, violentado, torturado, dado em sacrifício por meio de morte em Cruz (Mt. 26, 30-75; 27, 1-54).

Os(as) discípulos(as), os(as) apóstolos(as), os diáconos, as diaconisas são perseguidos(as), não raro, por compromissos alinhados ao Evangelho. Estevão, por exemplo, após curto período em missão de anúncio do Evangelho de Deus, profere incisivo discurso em presença do Sumo Sacerdote e de muitos outros judeus resistentes ao Evangelho (At. 7, 1-53). Após relato de como o Deus de Jesus havia sido presente na história de Israel, assim reagiram às palavras de Estevão:

“[...] tremiam de raiva em seus corações e rangiam os dentes contra ele. Estêvão, porém, repleto do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus, e Jesus, de pé, à direita de Deus. E disse: ‘Eu vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, de pé, à direita de Deus’. Eles, porém, dando grandes gritos, taparam os ouvidos e precipitaram-se contra ele. E, arrastando-o para fora da cidade, começaram a apedrejá-lo. As testemunhas depuseram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo. E apedrejaram a Estêvão, enquanto este invocava e dizia: “Senhor Jesus, recebe meu espírito”. Depois, dobrou os joelhos e soltou um grande grito: ‘Senhor, não lhes leves em conta este pecado!’ E a essas palavras, morreu” (At. 7,54-60).

Quem se oferece, de forma espontânea e deliberada, para anunciar o Evangelho deve ficar atento, compreender e resistir às manifestações de ciúme, tão presentes nas instituições públicas, privadas, esportistas, militares, religiosas, entidades sindicais, organizações e movimentos sociais etc. Causou-nos profunda inquietação frase usada por Guilherme Sanches Ximenes, em obra intitulada “*Felipe Neri, O sorriso de Deus*” (1998), em que se afirma que “é a inveja que move o mundo”<sup>30</sup>. Parafraseando Guilherme Sanches, é possível afirmar que “é o ciúme que move o mundo”. São Felipe Neri, muitas vezes retratado como santo da Alegria, foi vítima do ciúme sobretudo no ambiente eclesial. O bispo de Piemonte, Miguel Ghislieri, feito Papa Pio V (1566-1572), se mostra tanto na história eclesiástica quanto na hagiografia, ser o perseguidor intransigente de Felipe Neri, por causa de sua popularidade e do apoio que oferecia aos leigos no intento de promover uma mudança de mentalidade no interior da hierarquia, em particular acerca do lugar participativo dos(as) leigos(as) na atividade pastoral da Igreja. Entre outros membros da hierarquia, o referido Papa não escondia o desconforto e o seu descontentamento com Felipe Neri, ao considerar a possibilidade de que “uns meros leigos se pusessem a dar palestras ou a explicar as Sagradas Escrituras, coisas que lhes cheiravam a protestantismo [...]”<sup>31</sup>. Na contramão destes, para os cristãos “autênticos”, o amor move o mundo, jamais a inveja ou o ciúme.

O ciúme de parte do clero em relação aos diáconos decorre da relação destes com o bispo da Diocese, mas também pela disputa pelo poder (fala e serviço), que representa participar do presbitério. O Evangelho pede simplicidade, humildade, desprendimento, fraternidade, inclusive no compartimento da missão de anúncio do Ressuscitado como Evangelho de Deus.

Além dos clérigos, os(as) missionários(as), as lideranças comunitárias e dos movimentos sociais são vítimas de inúmeras formas de violência, da calúnia ao martírio. O Evangelho prende a pessoa à luta por liberdade, por justiça, em

---

<sup>30</sup>XIMENES, Guilherme Sanches. **FELIPE NERI - O sorriso de Deus**. São Paulo: Quadrante, 1998, p. 34.

<sup>31</sup>*ibidem*, p. 35.

defesa do meio ambiente, pela promoção da dignidade humana e pela implementação do Reino. Vale ressaltar que essas convicções são criadas, geralmente, a partir da interpretação, da compreensão e da vivência do próprio Evangelho. Assim, o Evangelho de Cristo liberta a pessoa para que se comprometa com a vida integral do outro.

Nas décadas de 1970 e 1980 sobretudo, a América Latina se tornou o continente dos mártires. Segundo dom Pedro Casaldáliga, “*Este es, más que nunca, un tiempo de mártires*” [...]. *Asesinados por una causa; a veces torturados, siempre perseguidos*”<sup>32</sup>. Ora, na América Latina, mas também em outros continentes, a violência banha a terra de sangue, que não para de jorrar. Os mártires chegam de diversas frentes de atuação.

Em El Salvador, o arcebispo Óscar Romero<sup>33</sup>, vítima da violência política e militar e da superexploração econômica do país, foi assassinado por defender a paz e a justiça social. Falando sobre a beatificação de Óscar Romero (23.05.2015), o teólogo e escritor brasileiro, Leonardo Boff, disse: “A beatificação de Óscar Romero traz uma nova interpretação do martírio: alguém que defende os pobres com a própria vida também é santo”. E acrescentou: “Finalmente temos um santo da Teologia da Libertação para os pobres”<sup>34</sup>.

A bem da verdade, a América Latina é uma “fábrica” de mártires, insaciável de sangue dos que combatem as desigualdades socioeconômicas, políticas, educacionais e culturais, os que promovem a justiça social, o desenvolvimento eco sustentável, os que denunciam as injustiças e as violências do Estado repressor etc. Por uma ou mais destas pautas, tombaram dom Enrique Angelelli, na Argentina, em 1976; o padre Alírio Napoleón Macías, em El Salvador, em 1979; ocorreu-se o Massacre de Caracoles, na Bolívia, em 1980,

---

<sup>32</sup>CASALDÁLIGA, dom Pedro. *Porque hay mártires en América Latina*. In: <https://fperecasaldaliga.org/es/blog/2019/08/27/la-tierra-de-los-martires/>. Acesso em 08.06.2022.

<sup>33</sup>Dom Óscar Romero, arcebispo de El Salvador, foi beatificado em 2015, pelo Papa Bento XVI e canonizado, em 2018, pelo Papa Francisco.

<sup>34</sup>BOFF, Leonardo *apud* PRANGE, Astrid. *A América Latina festeja seus mártires*. In: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/america-latina-festeja-seus-martires-580/>. Acesso em 08.06.2022.

pelo Exército boliviano, que atacou o centro mineiro de Caracoles com morteiros, tanques e aviões de guerra, após o golpe de Estado de 1980, para esmagar a resistência. Na Guatemala, em 1981, foi sequestrado e assassinado, o padre Carlos Pérez Alonso, apóstolo dos enfermos, dos presos, dos soldados e estudantes - considerado mártir da misericórdia e da justiça. Na Nicarágua, Arlen Siu, estudante universitária, de 18 anos e militante do Movimento Cristão, incorporou-se à Frente Santinista, foi assassinada pela Guarda Nacional e reconhecida como uma mártir da revolução nicaraguense<sup>35</sup>. Esses são apenas alguns casos dos muitos outros que compareceram ao chamado pelo martírio.

No Brasil, o martírio, o assassinato frio e cruento, de lideranças religiosas, políticas, comunitárias, ambientalistas, de movimentos sociais e rurais, foram naturalizados, não nos chocam, ao menos, não como deveriam a “corpo social sadio”. Em 1983, foi assassinado, na aldeia Campestre, o índio Marçal Tupã-i, por causa de sua luta em defesa dos direitos dos índios e no enfrentamento da extração ilegal de madeira e riquezas da floresta, escravidão indígena e tráfico de meninas índias. Foi assassinado, em 1985, na Amazônia brasileira, o missionário colombiano, padre Ezequiel Ramin, defensor dos indígenas e dos trabalhadores rurais sem terra.

A luta em defesa do meio ambiente precipitou a morte, em 1988, de Chico Mendes, ambientalista, sindicalista, ativista político e seringueiro. Em defesa da justiça social e contra a superexploração dos(as) trabalhadores(as) rurais, mas também promotora de projetos de reflorestamento e de geração de emprego e renda para a população pobre, foi assassinada, na região da Amazônia, em 2005, a missionária nascida nos Estados Unidos, mas naturalizada brasileira, Dorothy Stang. Em 2011, no Estado do Pará, foram assassinados em emboscada José Cláudio Ribeiro da Silva e sua esposa, Maria do Espírito Santo da Silva, lideranças de sua comunidade, por críticas feitas ao crescente aumento do desmatamento da Amazônia. Em 2015, no Estado do Maranhão, foi morto o ambientalista Raimundo Santos Rodrigues, por seu engajamento na defesa da

---

<sup>35</sup>Texto adaptado. Publicado por LABOISSIERE, Cássia. *Memória dos Mártires da Igreja na América Latina*. In: <https://www.cptmg.org.br/portal/memoria-dos-martires-da-america-latina-mes-de-agosto/>. Acesso em 08.06.2022.

floresta amazônica e contra as empresas do desmatamento, da grilagem e os donos das mineradoras que extraíam os recursos do subsolo e o poluíam”<sup>36</sup>.

A Igreja Samaritana, em todo o mundo, sobretudo no Brasil, é desafiada a proteger as criaturas de Deus, em particular, os seres humanos. Em sua missão de anunciar o Evangelho da alegria, a Igreja é desafiada a proclamar uma palavra de vida, justiça e esperança contra as chacinas do povo negro nas comunidades periféricas, do povo indígena nas aldeias e nas ruas dos grandes centros e do povo pobre pelo país. As forças de segurança constituem o braço armado do Estado, uma das instituições legítimas da sociedade civil. Chacinas como as protagonizadas pelos agentes de Estado em Carandiru (SP, 1992), Candelária (RJ, 1993), Vigário Geral (RJ, 1993), Presídio Urso Branco (RO, 2002), Unaí (MG, 2004), Cidade de Deus (RJ, 2016), Jacarezinho (RJ, 2021), Cruzeiro (RJ, 2022), entre tantas outras, aguardam da parte da hierarquia da Igreja palavra de consolo aos familiares das vítimas, mas também de denúncia dos assassinos, com força capaz de romper o silêncio dos covardes e espantar para longe dos fiéis a percepção de uma Igreja cúmplice pelo silêncio.

O diácono permanente está intimado a servir na Igreja Samaritana. De modo que o diaconato permanente, assim como as outras ordens e o laicato, devem alinhar pensamentos, práticas e ações aos fundamentos de um agir samaritano - a acolhida (do estranho), o cuidado (integral), a compaixão, a bondade, a responsabilidade, a solidariedade, a justiça, até o resgate da dignidade da pessoa humana. Esses são, na verdade, os fundamentos da Igreja de Cristo em saída. Em outras palavras, são os fundamentos de uma comunidade eclesial missionária.

A Igreja Samaritana se caracteriza pela acolhida, cuidado, inclusão, integração, união, solidariedade, misericórdia, respeito, amor fraterno etc. Embora membros da hierarquia eclesiástica, inúmeros bispos, padres, diáconos, religiosos(as) foram (e/ou são) vítimas de preconceito, racismo, discriminação,

---

<sup>36</sup>IHU (*Instituto Humanitas Unisinos*). *Os mártires que morreram pelo meio ambiente*. In: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591317-os-martires-que-morreram-pelo-meio-ambiente>. Acesso em 06.06.2022.

marginalização por parte da própria Igreja, a exemplo de dom Luciano Mendes de Almeida (“exilado” em Mariana), dom Helder Pessoa Camara (censurado pelo Papa João Paulo II), dom José Maria Pires (que gostava de ser chamado de dom Zumbi) vítima de racismo nas Assembleias da CNBB, dom Adriano Hipólito, perseguido pelos militares e sem o devido aporte político da cúpula da Igreja. Há ainda, no decurso dos séculos, inúmeros leigos(as) largados(as) pelo caminho por razões não declaradas. Depõe contra a Igreja Samaritana os(as) largados(as) pelo caminho, isto é, as vítimas de preconceito, racismo, censura, perseguição, silenciamento, marginalização, exclusão etc.

A diversidade das realidades envolvidas na formação dos diáconos permanentes também lhes impõe desafio ao Anúncio do Evangelho. Segundo dom João Francisco Salm (2022), presidente da *Comissão dos Ministérios Ordenados e da Vida Consagrada da CNBB*, o diaconato permanente é uma grande força na Igreja no Brasil, mas com limites na formação:

“As realidades são muito diferentes no país, com grandes contextos e dimensões; formar alguém para ser diácono na Amazônia é diferente daquele para ser diácono no Leste ou no Sul. É uma grande oportunidade e de um valor imenso, mas me parece que o grande desafio é a formação, como em tudo na Igreja”<sup>37</sup>.

Dom João Francisco reconhece que os se dispõem a servir como diáconos permanentes na Igreja são “homens bons, admiráveis, santos homens”, mas que a formação destes preocupa porque, segundo ele, “as escolas têm seus limites”: *“O limite do tempo: é um curso que tem um programa limitado de teologia, por exemplo. Temos o problema das distâncias: os diáconos dos interiores do Brasil não têm a possibilidade de frequentar um tempo de escola e depois voltar para casa.”*<sup>38</sup>.

Insiste dom João Francisco que é preciso melhorar a formação destes “grandes homens da Igreja” em diferentes dimensões, tais como: a teológica, a de

---

<sup>37</sup>SALM, dom João Francisco. *Diaconato permanente: grande força no Brasil, mas com limites na formação*. In: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-05/entrevista-joao-francisco-salm-bispo-novo-hamburgo-diaconos.html>. (2022). Acesso em 23.05.2022.

<sup>38</sup>*ibidem*, s/p. O itálico da citação é preservado do original.

conhecimento da fé, a de conteúdo, de formação humano-afetiva, pastoral e missionariedade. Segundo dom João Francisco, “são etapas de um processo formativo que não dá espaço para a criação de ‘meio-sacerdotes’, nem ‘acólitos de luxo’, mas servos cuidadosos”<sup>39</sup>. Não obstante o desejo de oferecer uma formação adequada, os desafios da vida cotidiana dos diáconos permanentes se impõem. Assim narra dom João Francisco:

*“O diácono tem uma vida muito exigente, porque além dele ser esposo, tem filhos, quando é avô, tem netos, tem vizinhos, tem uma comunidade, atua numa paróquia, tem que estar à disposição da diocese; na paróquia, por exemplo, muda o pároco que nem sempre sabe lidar com a presença de um diácono permanente; muda o bispo... Então, o diácono tem que ser um homem muito flexível, muito maduro; humanamente falando, tem que ser alguém muito equilibrado e sereno, tem que ter uma boa espiritualidade: deve ser penetrado do Espírito Santo e de Jesus para poder viver essas diferentes realidades. Ele é do clero, mas é do meio do mundo: ele vive a dupla sacramentalidade. Ele é mais ou menos assim: o portão por onde se entra e sai para estar dentro da igreja e no meio do mundo”<sup>40</sup>.*

O serviço ao povo de Deus exige, entre qualificações, habilidades e competências, também o testemunho. Compreendendo fortemente a “Igreja como corpo de Cristo” (cf. 1Cor. 12,27; Rm. 12, 4-5), os Padres Conciliares do Vaticano II (1962-1965), por meio da *Lumen Gentium*, n. 29) disseram à Igreja: “Fortalecidos com a graça sacramental, os diáconos servem ao povo de Deus na diaconia da liturgia, da Palavra e da caridade, em comunhão com o bispo e o seu presbitério”. A CNBB, atenta ao Vaticano II, reconhece que: “Segundo a tradição apostólica, o diácono participa da missão plena do bispo, realizando sua função não apenas em nome do bispo e com sua autoridade, mas em nome de Cristo e com sua autoridade, mediante a consagração do Espírito Santo”<sup>41</sup>. No exercício de sua missão, espera-se que o diácono dê testemunho nas três dimensões de sua vocação (ministérios da Palavra, do altar e da caridade).

---

<sup>39</sup>*idem*, s/p.

<sup>40</sup>*idem*, s/p.

<sup>41</sup>CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). **Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil**. Formação, Vida e Ministério. (Documentos da CNBB, Nº 96). São Paulo: Paulinas, 2016, n. 53; p. 33.

A propósito, as vocações constituem num tema que deveria preocupar profundamente os membros da hierarquia da Igreja. Compilado de dados, baseado no *Anuário Pontifício* (2021) e no *Annuarium Statisticum Ecclesiae* (2019), sobre as vocações no mundo, evidencia uma realidade preocupante.

**Estratificação religiosa da Igreja Católica dos anos 2018 e 2019.**

<b>Católicos</b>	<b>2019</b>	<b>2018</b>	<b>%</b>
Católicos no mundo	1.345.000.000	1.329.000.000	1,2
Bispos	5.364	5.377	-0,2
Sacerdotes	414.336	414.065	0,1
Diáconos Permanentes	48.238	47.504	1,5
Religiosos	50.295	50.941	-1,3
Religiosas	630.099	641.661	-1,8
Seminaristas	114.058	115.880	-1,6

Autor: Silvio Melo; Fonte: Anuário Pontifício 2021 e do *Annuarium Statisticum Ecclesiae* 2019

Os dados apontam que, embora o número de católicos no mundo tenha aumentado, o número de religiosos (-1,3%), de religiosas (-1,8%) e de seminaristas (-1,6%) apresentou queda substantiva. Há que se adotar diferentes estratégias, formas, modos de se promover as vocações na e para a Igreja. As vocações, ou melhor, as pessoas vocacionadas são indispensáveis para o desenvolvimento da missão da Igreja, quer na manutenção de suas estruturas (*ad intra*) quer na abertura de novas frentes missionárias (*ad extra*).

Na contramão das vocações, cujos indicadores foram negativos (religiosos, religiosas e seminaristas), a variável “diáconos permanentes” aumentou na proporção inversa, registrando o aumento de 1,5%. Embora o percentual tenha sido positivo, há que sublinhar que o índice poderia ter sido mais expressivo. Os dados evidenciam que a Igreja precisa investir na promoção de vocações consagradas e ao clero. Contudo, esses mesmos dados escancaram que a Instituição precisa promover a vocação dos diáconos permanentes, quiçá também da vocação de diaconisas, considerando as qualificações, o comprometimento e o testemunho dado por inúmeras mulheres na Igreja.

No anúncio do Evangelho, como fonte de alegria, o diácono permanente se depara com um dilema: de um lado, respeitar a diversidade de credos e, de outro, propor o Evangelho como norteador da vida daquele que o acolhe. O Evangelho de Deus, Jesus de Nazaré, vencedor da morte, respeita a pessoa, o seu tempo, suas tradições, mas quer tornar livre, sujeito, protagonista, todo aquele oprimido em qualquer que seja a cultura.

O Evangelho que liberta é o mesmo que promove a fraternidade e faz o apelo ao cuidado de “nossa casa comum”. Em palavras do Papa Francisco temos:

[...] Neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. Entre todos: “Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! (...) Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos”<sup>42</sup>. Sonhemos como uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos<sup>43</sup> (FT, n. 8).

Em tempo de contradições, divisões, guerras, preconceitos, discriminações e violências, os desafios impostos à Igreja são desafios que, naturalmente, se somam à missão do diácono. Promover a união, a paz, o respeito, a justiça, bem como a alegria do Evangelho, deve ser bandeira erguida, em mãos de todos, como símbolo da esperança. Parafraseando João Cabral de Melo Neto, em *Morte e Vida Severina* (2007), o diácono se torna anunciador de esperança, ainda que franzina<sup>44</sup>.

---

<sup>42</sup>PAPA FRANCISCO. *Discurso no encontro ecumênico e inter-religioso com os jovens* (Skopje – Macedónia do Norte, 7 de maio de 2019): *L’Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 14/V/2019), n. 13. In: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco\\_20190507\\_macedoniadelnord-giovani.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190507_macedoniadelnord-giovani.html). Acesso em 13.06.2022.

<sup>43</sup>PAPA FRANCISCO. Carta Encíclica ***Fratelli Tutti***: sobre a Fraternidade e a Amizade Social (2020). In: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html), 2020, nº 8. Acesso em 13.06.2022.

<sup>44</sup>MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina**. São Paulo: Alfaguara Brasil, 2007.

O diácono permanente, na Igreja Samaritana, deve ser aquele que caminha, com o coração aberto, para acolher com a Palavra, cuidar da pessoa ferida com o mesmo zelo com que cuida do altar e servir aos mais necessitados no exercício contínuo da caridade. É chamado a assumir sua missão de forma deliberada, demonstrando empatia pelo(a) outro(a), que se coloca em seu caminho. No caminho, na companhia de Jesus Cristo, é impelido a promover a vida, a semear a esperança e a proclamar a Palavra do Reino que liberta, fomenta a justiça e faz brotar o amor.

## 4. CONCLUSÕES

Este *Trabalho de Conclusão de Curso* (TCC), bem como o *Curso de Teologia*, chegam ao fim em tempo de pandemia do novo coronavírus, doença causada pelo *Sars Cov-2* (Covid-19). Entre as medidas de proteção e segurança contra a infecção pela doença estão o distanciamento pessoal, o isolamento social e, sempre que se faz necessário tomar as ruas das cidades, o uso de máscara. As máscaras nos cobrem parcialmente o rosto. Nosso rosto, centro de projeção do sorriso, sempre é comunicativo. O sorriso, em nossa cultura, é expressão máxima da alegria.

O objetivo perseguido pelo trabalho foi apresentar, de forma sumária, a alegria na missão de anunciar o Evangelho. A alegria é o que sente quem está feliz. Verificamos, no entanto, que aquele que anuncia o Evangelho manifesta a alegria por meio de muitos símbolos e gestos, vividos, experimentados ou expressados de diferentes formas, meios e modos, em determinadas circunstâncias ou ocasiões.

Abordamos o tema da alegria como princípio e fim do Evangelho, considerando-a força motriz de quem decide anunciar, assim como o fim último da mensagem anunciada; bem como as manifestações da alegria na tradição bíblica, na tradição da Igreja e, particularmente, na Igreja missionária, “em saída”, samaritana. Nos textos bíblicos, a alegria, não raro, está relacionada às festividades, em ambientes nos quais os presentes consumem, em abundância, bebidas, comidas e doces. Na tradição da Igreja, as manifestações da alegria transpassam o tempo dos fatos vividos por Jesus, para se tornarem expressão do que se vive com e em Jesus. A alegria é o que se vive no discipulado, no seio de Igreja em saída, missionária, comprometida.

Em seguida, aprofundamos o anúncio do Evangelho como fonte de alegria, que tem como ponto de partida o evento-Cristo. Destacamos, a princípio, o anúncio da ressurreição, feito pelas mulheres e pelos discípulos, como fonte

(primeira) de alegria dos(as) cristãos(ãs). Apontamos os Evangelhos como “conteúdo” do anúncio cristão. Isto porque identificamos nos textos bíblicos, mais precisamente nos Evangelhos (Mt, Mc, Lc e Jo), o “conteúdo” do anúncio cristão. Contudo, ressaltamos que o Evangelho de Deus é o conteúdo vivo e vivificante, que transpassa o tempo e a vida dos(as) cristãos(ãs). Por isso, afirmamos o anúncio do Evangelho como alegria para os(as) cristãos(ãs) que anunciam, mas também a quem é anunciado.

Por fim, apresentamos o tema da alegria como missão de anunciar o Evangelho. Verificamos, nesse caso, a necessidade de estabelecer uma relação entre *diakonia*, anúncio e Palavra de Deus, entendida como Evangelho de Deus. A *diakonia* se afirmou como *médium* (mediação, instrumento) a serviço da Palavra, do altar e da caridade. Constatamos que o anúncio do Evangelho, por força do próprio Evangelho e não de quem o anuncia, faz novos(as) discípulos(as), assim como produz consequências que vão deste a calúnia, recorrente no ambiente eclesial, ao martírio, como expressão máxima da violência, que visa silenciar o profeta, o missionário, o anunciador do Evangelho da vida, da esperança, do amor, da fraternidade, do Reino, da solidariedade, da Justiça.

## 5. REFERÊNCIAS

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Loyola, 2010.

BOFF, Clodovis et al. **As Comunidades de Base em questão**. São Paulo: Paulinas, 1997.

BOFF, Leonardo. **Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

\_\_\_\_\_. **Como fazer teologia da libertação**. [10ª Ed.]. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. *apud* PRANGE, Astrid. *A América Latina festeja seus mártires*. In: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/america-latina-festeja-seus-martires-580/>. Acesso em 08.06.2022.

CASALDÁLIGA, dom Pedro. *Porque hay mártires en América Latina*. In: <https://fperecasal.daliga.org/es/blog/2019/08/27/la-tierra-de-los-martires/>. Acesso em 08.06.2022.

CELAM – V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007). **Documento de Aparecida** (DAp, 2007). Texto Conclusivo. [12ª. Ed.]. Aparecida/São Paulo; Brasília: CNBB, 2011.

CIC - **CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. São Paulo: Loyola, 2017.

CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). **Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes**. Diretório do Ministério e da Vida dos Diáconos Permanentes. São Paulo: Paulinas, 2008.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil**. Formação, Vida e Ministério. (Documentos da CNBB, N° 96). São Paulo: Paulinas, 2016.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023**. Brasília: CNBB, 2019.

*Didascalia Apostolorum* (Didascália dos Apóstolos ou Católica Doutrina dos Doze Apóstolos) 2, 44 (1964). In: [http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais\\_da\\_igreja/didascalia\\_dos\\_apostolos.html](http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/pais_da_igreja/didascalia_dos_apostolos.html). 1964. p. 39-60. Acesso em 15.05.2022.

Doré, Joseph. **JESUS: A ENCICLOPÉDIA**. [1ª Ed.]. Petrópolis/RJ: Vozes, 2021.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação – Perspectivas**. São Paulo: Loyola, 2000.

IHU (*Instituto Humanitas Unisinos*). *Os mártires que morreram pelo meio ambiente*. In: <https://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/591317-os-martires-que-morreram-pelo-meio-ambiente>. Acesso em 06.06.2022.

LABOISSIERE, Cássia. *Memória dos Mártires da Igreja na América Latina*. In: <https://www.cptmg.org.br/portal/memoria-dos-martires-da-america-latina-mes-de-agosto/>. Acesso em 08.06.2022.

LEVADA, William Cardeal (Prefeito). *Congregação para a Doutrina da Fé*. In: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_20071203\\_notaevangelizzazione\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20071203_notaevangelizzazione_po.html). 2007. Acesso em 01/03/2022.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina**. São Paulo: Alfaguara Brasil, 2007.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. **A ressurreição como antecipação messiânica**. Luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes. Petrópolis/RJ: Vozes, 2020.

OLIVEIRA CASTRO, Robson Ribeiro de. “*Os leigos no CELAM: apontamentos principais*”. Pensa-Revista Eletrônica da FAJE, V. 7, n. 2 (2016), p. 159-177. In: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/pensar/article/view/3645/3746>. Acesso em 01.04.2022.

OROFINO, Francisco; COUTINHO, Sérgio; RODRIGUES, Solange. (Orgs.): **CEBs e os desafios do mundo contemporâneo**. São Paulo: Paulus, 2012.

PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica ***Evangelii Gaudium*** (EG, 2013): Exortação Apostólica do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus / Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica ***Laudato si*** (LS, 2015): sobre o cuidado da casa comum. In: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Acesso em 22.04.2022.

\_\_\_\_\_. **Discurso do Papa Francisco** (2017). Encontro com os membros da cúria romana para a apresentação dos votos natalícios. In: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papafrancesco\\_20171221\\_curia-romana.html#\\_ftn7,2017](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papafrancesco_20171221_curia-romana.html#_ftn7,2017). Acesso em 18.05.2022.

\_\_\_\_\_. Constituição Apostólica ***Veritatis Gaudium*** (VG, 2018): sobre as universidades e as faculdades eclesiásticas Papa Francisco, São Paulo: Paulinas, 2018.

\_\_\_\_\_. **Discurso no encontro ecumênico e inter-religioso com os jovens** (Skopje – Macedónia do Norte, 7 de maio de 2019): *L'Osservatore Romano* (Ed. semanal portuguesa de 14/V/2019), n. 13. In: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papafrancesco\\_20190507\\_macedoniadeInord-giovani.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papafrancesco_20190507_macedoniadeInord-giovani.html). Acesso em 13.06.2022.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica ***Fratelli Tutti*** (FT, 2020): sobre a Fraternidade e a Amizade Social. (Documentos Pontifícios - 44). Brasília: Edições CNBB, 2020.

\_\_\_\_\_. Carta Encíclica ***Fratelli Tutti*** (FT, 2020): sobre a Fraternidade e a Amizade Social. In: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html). Acesso em 13.06.2022.

PAPA LEÃO XIII. Carta Encíclica ***Rerum Novarum*** (RN, 1891). Sobre as condições de vida e trabalho dos operários. In: [http://www.vatican.va/holy\\_father/leo\\_xiii/encyclicals/documents/hf\\_lxiii\\_enc\\_15051891\\_rerumnovarum\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_lxiii_enc_15051891_rerumnovarum_po.html). Acesso em 08.04.2022.

SALM, dom João Francisco. ***Diaconato permanente: grande força no Brasil, mas com limites na formação***. In: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-05/entrevista-joao-francisco-salm-bispo-novo-hamburgo-diaconos.html>. Acesso em 23.05.2022.

Santo Agostinho. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 2004.

SEGUNDO, Juan Luis. **Teologia da Libertação. Uma advertência à Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1987.

SOBRINO, Jon. **Jesus, o libertador**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1996.

XIMENES, Guilherme Sanches. **FELIPE NERI - O sorriso de Deus**. São Paulo: Quadrante, 1998.

YOUCAT. **Catecismo Jovem da Igreja Católica**. São Paulo: Paulus, 2011.